

Coletânea de Contos

2017



Há um poema de Roseana Murray, do qual eu gosto muito, que trata sobre a vida do poeta e sobre como ele constrói suas histórias. O poema chama-se "O poeta" e cita que "o poeta vai tirando da vida os seus poemas, como pássaros desobedientes e amestrados". Esse poema nos representa, pois em cada texto que nós —poetas, autores, escritores, contadores e colecionadores de histórias— produzimos tem um pedacinho nosso e da nossa própria história. E cada um desses pedacinhos que compartilhamos encaixa e preenche a vida de alguma outra pessoa, e, de pouco em pouco, nossas palavras vão longe e começam a fazer a diferença para quem as lê.

Passo Fundo, nossa querida Capital Nacional da Literatura, não poderia ter acertado mais com o desenvolvimento do Projeto Passo Fundo, esse trabalho lindo e que oferece a possibilidade de mostrarmos ao mundo o quanto nossa cidade é rica de histórias e de grandes pessoas querendo contá-las.

Espero que você, caro leitor, aproveite esta obra —fruto de muita vivência, criatividade, dedicação, aprendizagem e crescimento— e que você possa retirar dela vários pedacinhos para preencher a sua história!

Kassiê de Carvalho
Jornalista

Coletânea de Contos *2017*



Organização de Júlio Perez

**Coletânea de contos
2017**

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

1ª Edição – 1ª Impressão

Julho 2017

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa: Maria Lucina Busato Bueno - Figuras sobre fundo roxo, Óleo sobre tela.

Revisado pelo autor em: 28/06/2017

C694 Coletânea de contos [recurso eletrônico] : 2017 / organização de Julio Perez. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

2 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-301-2

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. I. Perez, Julio, coord. II. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Sumário	5
Apresentação	7
Os moradores do mato	9
As pragas de Ana Inácio.....	12
A viagem de Olívia	17
O reverso da malandragem.....	22
A Índia.....	28
A melhor casa do meu mundo	31
Julian 22LR.....	34
O cavalo	47
Artes plásticas	54
Aeroporto d'almas.....	60
Sob a dúvida e a escuridão.....	62
A coisinha	66
A revolta dos números	73
Faces d' uma tragédia	76
Sorrisos no banco	82
Seis viagens.....	86
Sobre os Contistas	101

Apresentação

A presente Coletânea, assim como imagino todas as demais já realizadas pelo Projeto Passo Fundo, tem apenas um único propósito: reunir o que de melhor encontra-se publicado no portal da web, do Projeto, dentro do gênero que ora compila. É óbvio, no entanto, que toda seleção é fruto, essencialmente, do gosto do Organizador, mas não podemos deixar de desconsiderar também, que tal seleção procurou pautar-se por critérios técnicos que orientam a elaboração do conto. É inevitável, contudo, que injustiças aconteçam, afinal no universo de 26.921 textos de autores de Passo Fundo, dos quais 381 classificados como contos, publicados no portal, o Organizador, até mesmo por limitação de tempo e energia, certamente terá deixado de fora alguma história ou autor que indubitavelmente deveria estar aqui.

Tomando-se por marco as Coletâneas de Contos anteriores, de 2013 e 2015 – quanto ao seu conteúdo, não como marco temporal – elegeu-se como critério de seleção, inicialmente, o autor cujo número de publicações no gênero fosse relevante, primeiro indício de afinidade com o conto. Considerando-se o número máximo de dois contos por autor e compatibilizando esse critério com a extensão da história, buscou-se através de exaustivas, porém não menos gratificantes horas de leitura, correções e sugestões de alterações, aquelas que apresentassem um maior apuro técnico, tanto no domínio da escrita, como do gênero, com ênfase no subtexto e no desfecho, elementos esses essenciais para um bom conto – com exceção para o conto de atmosfera, cujo gênero, contudo, é de raro domínio.

Claro que o gosto do Organizador sempre haverá de interferir – como no experimento, o experimentador, já que nem na ciência existe neutralidade absoluta -, mas tanto quanto possível procurou minimizar-se tal interferência, a fim de que efetivamente o melhor, técnica e esteticamente falando, sobressaísse.

O resultado é o presente volume, cuja avaliação submetemos, agora, ao leitor, juiz último de toda obra que se pretenda literária.

Júlio Perez
Organizador

Os moradores do mato

Glauco Macedo de Azevedo

O depoente informa que se chama Heráclides, não recordando o sobrenome. Que, há algum tempo, extraviou seus documentos pessoais. Declara que, há aproximadamente dez anos mora no mato, mais precisamente na reserva ecológica da Serra Geral. Que acredita ter sessenta anos de idade, que aos oito anos perdeu o pai e a mãe no sinistro do navio Punta América. Que não estava neste navio, apenas contaram-lhe sobre a morte de seus pais, quando a grande embarcação incendiou-se perto de Porto Ruaro. Relata que seus pais eram ricos e estavam num cruzeiro de gente rica, pelo que lhe disseram. Que não sabe maiores detalhes sobre os mesmos, apenas isso, e que se chamavam Antenor e Rosa. Que, com a morte dos genitores, foi entregue aos cuidados de um tio chamado Pedro. Esse tio dilapidou imediatamente todo o legado que lhe tocara. Que lembra apenas de alguns episódios dessa época. Recorda que, algum tempo depois, seu tio suicidou-se com um tiro de mosquetão.

Com a morte do tio, encontrou muitas dificuldades para viver, sendo ainda criança e não tendo ninguém que zelasse por si, passou a vagar pelas ruas, coisa que fez até os dezoito anos, quando então se alistou no tiro de guerra. Serviu na guerra do Norte durante dois anos, não se feriu e, ao retornar, deram-lhe um emprego no Instituto Agrário, onde laborou por pouco tempo, sendo demitido por excesso de contingente. Refere que após esse fato, passou a trabalhar em empregos cujos salários eram muito ruins, circunstância que o obrigou a também desempenhar atividades menos honrosas, como o estelionato e o furto. Sendo processado e preso por esses fatos. Naquele tempo, laborava, de dia, no cais do porto e roubava, à noite, nas casas do “barrio” rico. Era jovem e destemido, mesmo assim, certa noite, foi detido e preso pela itinerante.

Refere que ficou recolhido na Cadeia Estadual, pela primeira vez, dos vinte aos vinte e dois anos, sendo libertado na manhã do dia de São

Bento. Que, então, procurou trabalho no cais do porto e o conseguiu novamente, percebendo salários baixos. Que, mesmo assim, labutou em tais condições e, apenas nisso, por mais cinco anos, quando, forçado pelas circunstâncias, tornou a procurar, à noite, a res furtiva.

Que, nesta época, havia se casado com uma mulher jovem, embora de maus dentes, cujo nome nunca soube, mas que tinha o apelido de Pirilampo. Que não teve prole com Pirilampo. Moravam nas “villas de bajo”. Recorda que foi preso, pela segunda vez, aos trinta e dois anos, permanecendo encarcerado até os trinta e nove, sendo libertado novamente no dia de São Bento, à tardinha. Naquele mesmo dia, voltou às “villas de bajo”, reencontrou Pirilampo e outra vez partiu para o trabalho no cais do porto. A prisão, desta vez, havia-lhe enfraquecido. A coragem e a destreza já não eram as mesmas, de modo que não tinha mais serventia na arte do engano. Ainda assim, viveu nas “villas de bajo” por cerca de dez ou doze anos, fazendo toda sorte de biscates, nem os empregos nem os furtos assentavam mais para ele e a esposa. Moravam em algum casebre, mas logo foram despejados de qualquer casebre.

Relata que, num certo dia de São Bento, ainda pela manhã, Pirilampo, conversando com grande animação, convidou-o para irem morar no mato, especificamente na reserva ecológica da Serra Geral. Diz que concordou com sua consorte e assim o fizeram. Levaram tudo o que possuíam, o que não era muita coisa, umas poucas roupas, cobertores, dois anzóis.

A reserva ecológica era e ainda é desabitada, de gente e de guardas. Informa que, lá chegando, procuraram um ponto bem isolado, à beira do rio. Construíram uma cabana de troncos e cobriram-na com galhos. Caçavam e pescavam para seu sustento. Em dez anos, nunca viram nenhuma pessoa, tampouco ouviram qualquer voz humana. Falavam apenas entre si e com os bichos. Que no mato, durante todo esse tempo, não passaram frio ou fome e tampouco ficaram doentes.

Relata, por fim, que o motivo de apresentar-se nesta Delegacia é que, no dia de ontem, depois de uma discussão banal, Pirilampo sem qualquer justificativa, abandonou a cabana da família, passando a morar no oco de uma árvore, distante duas léguas morro acima. Que o declarante empregou diversos meios para convencê-la a retornar para

casa, mas que nisto não logrou êxito. Que não empregou nenhuma violência em tal intento, apenas utilizou presentes naturais, palavras carinhosas e pedidos de desculpa. Que permanece com esperanças de que Pirilampo volte para casa, neste próximo dia de São Bento. Que registra o fato apenas para os fins de direito.

As pragas de Ana Inácio

Letícia Copatti Dogenski

O milharal secara todo: as folhas de amarelo queimado protegiam espigas arruinadas, bichadas e miseráveis. Só bicho mesmo pra comer uma coisa dessas. A família não ia aproveitar: a senhora Anacleta não podia fazer farinha para bolo, as filhas Mariana e Jandira não podiam fazer mingau pros rebentos que pariam a cada tanto, e os filhos Josué e Orlando não podiam vender os grãos como era suposto. Não desse jeito, não nessa situação. Arrancavam o produto porque sim, para livrar a lavoura da visão sórdida, para dar aos bois o debulho e vê-los, pelo menos eles, aproveitarem o esforço do plantio. "Aproveita bem", pensava o senhor Arcadio, "Que sustento agora é o leite das vacas". Pelo menos tinham as vacas. Raspavam os dentes no pasto, folha seca de colheita ruim, milho podre bichado, comiam o que fosse. Sobreviviam, aguentavam. O leite no fim do dia, eles tiravam e vendiam, e a fazenda continuava assim. Aos trancos, deveras, pois o produto das vacas nem sempre era o bastante para suprir as necessidades da família numa fazenda tão grande e que demanda tanta coisa, tanta gente trabalhando, tanto produto gasto no plantio. Nos últimos anos, porém, tinham aprendido a se virar com o que elas davam: vendia-se muito leite e os bezerrinhos, que eram caros, e iam aos tropeços. Não era a primeira vez que a lavoura secava inteira e dava nada. Antes fosse! Mas a verdade é que isso vinha de tempos, uma desgraça calculada como se oriunda de mão negra. Arcadio acreditava: "Macumba brava, trabalho em andamento".

Nunca fora bom. Matara homem por inveja, acerto de contas e até por nada. Pensou ser aquele um revés da vida, um jeito de fazê-lo arrepender-se, mas não cria. Também não era homem de acreditar no sobrenatural, mas dessa vez não tinha jeito, alguém jogara praga. Não era só o problema da lavoura, mas a própria família que vinha enfrentando maus ventos demonstrados na paridela das mulheres. Já há anos não nascia uma moça sequer na família. Tudo homem, macho novo

a cada ano, o que não seria tão ruim numa fazenda daquele porte. Mas a desgraça da maldição era atizada a cada nascimento, e os menininhos minguavam e logo morriam de qualquer coisa sem que ninguém pudesse interferir. Augustino, filho seu e da mulher Anacleta, corou de amarelo, ferveu de febre por dias, até aproveitar seus últimos suspiros num ataque de tosse. Camilo, filho de Mariana, nascido de garganta trancada e engasgando a cada gole do alimento primeiro, desnutriu rápido diante dos olhos desesperados dos que acompanhavam. José Manuel, filho de Jandira, pareceu que ia vingar e deu esperança, até numa manhã resolver que não mais acordaria, quando já era época de dar seus primeiros risos. Os rebentos dos homens pareciam ter mais chance: Josué teve menino, Carlos Adalberto, nascido com uma doença dos nervos que lhe impunha tremelicos, sem força nas pernas para o segurar em pé ou lábio forte que barrasse suas babas, mas aguentara na vida até os oito anos. O herdeiro de Orlando também muito vivera, passara de uma década, até sofrer ataque de um boi brabo que perfurou seu peito muitas vezes, morrendo desbotado, com a cor a lhe escapar pelos buracos. Arcadio entendia que natural aquilo não era, não podia, e uniu o mistério todo na sentença: "Fizeram batuque pra família, e só vai quebrar com o nascimento de uma menina".

Sobreviviam, aguentavam. As mulheres diziam que não queriam mais embuchar. "Só pra sofrer", choramingavam, "Só pra ver filho morrer". Os homens viam a prenha como uma consequência do matrimônio, mas mesmo as noras de Seu Arcadio se uniam às filhas no coro contra as gestações. Como a colheita que é feita para dar lugar a novo plantio, porém, acontecia. Quando Mariana embuchou outra vez, fizeram reza. A moça desgostava, sabia do que estava por vir: o amor seguido da choradeira, o desespero e o velório, o luto pela alminha mal conhecida mesmo sendo muito sua. Até por isso acompanhou a família nas novenas, não porque acreditava na maldição e queria quebrá-la, mas pela saúde de seu ventre e do que ele continha. O pai, Seu Arcadio, anunciava entre os cânticos: "Que teu ventre floresça como as boas plantações, e que nossa plantação floresça como teu ventre, que as desgraças se quebrem com a bênção que vem". Boas plantações, bom ventre. Lembrava-se do filho perdido, enterrado a poucos quilômetros, a se decompor sob a terra como os produtos da lavoura, também

apodrecendo logo após o despontar da vida. Lembrava-se da prataria vendida na temporada passada, para pagar as despesas com venenos para as pragas do milho, dinheiro perdido, jogado fora. Pensava nas vacas arrancando seu alimento com agressividade, para depois mastigá-lo suavemente por horas, pasto misturado com milho fraco e folhas secas. As vacas mirravam, via-se, estavam mais magras e davam cada vez menos leite. O pai comparava seu ventre às boas plantações e ela rezava que, na verdade, não lhe comparasse à miséria das vacas.

No dia da paridela, o mundo caía em aguaceiro. Anacleta apoiava Mariana, acreditando ser a tormenta um sinal de mau agouro, enquanto Arcadio se benzia e Jandira virava cadeiras para acalmar a chuva, punha faca na janela para cortar a ventania. O clima revoltado só aumentava a ansiedade. Gotardo, esposo de Mariana, não saía da latrina, onde seu intestino desaguava a exemplo do temporal. Os gritos da mãe que paria faziam páreo às trovoadas, às vezes até mais fortes, de fazer tremer o chão. A barulheira era tanta, de berros, rezas, ventos e trovões, que mal puderam ouvir o choramingar fresco e miado da cria nascida. Depois de feito, porém, tiritaram sobre os joelhos no aguardo da notícia que vinha: o fado do maldito ou a bênção esperada. A demora de Anacleta em emergir do quarto só os fazia ter mais certeza do infortúnio que, quando veio, confirmou: "Nasceu Inácio". Apesar de cientes de que logo uma desgraça poria abaixo as chances de vida da criança, de já esperarem um destino encurtado por febres e máculas como as das lavouras, e mesmo lembrados da miséria iminente se achegando, que mataria suas vacas e a eles mesmos após, não deixaram de se contentar. O menino nascera magrelo, mas de cabeleira bem feita, dedinhos nervosos a apontar os fantasmas do esmo. Resmungava como gato novo, fino e bonito, e apesar dos pesares já considerados, alegravam-se por, pelo menos, terem a chance de conhecê-lo.

Não tardaria o plantio daquele ano e já se achegava a época do batismo de Inácio. O tempo voara como se levado pelos temporais das últimas semanas. Acalmadas as conturbações da estação, o sol parecia se aproximar mais a cada dia, pois a quentura ominosa de um nada era comparada à do dia seguinte. Arcadio aproveitava a grande varanda, que dava volta na casa, para algum frescor, onde a brisa batia de quando em

vez. Os coqueiros ao longe, acima dos morros, balançavam e retorciam seus braços ao vento, num pavoneio de seu posto vantajoso. As mulheres da casa se ausentavam, tinham ido até a igreja próxima para marcar os detalhes do batismo de Inácio. Arcadio muito matutava: o neto era mirrado, de pouca carne e muito cabelo, garganta fina de claro como bicho novo, gestos delicados como de menina. Se não fosse falado, ninguém via que era menino, enganava bem. Quem sabe não enganasse a maldição e não desse boa sorte pra colheita desse ano? Até então tinha boa saúde, não dera sinal de desfalecimento, sugava bem as mamas da mãe e mantinha a temperatura e cores normais. Mas as desgraças eram sempre surpresas, por isso mesmo adiantavam o batismo do menino, para que fosse protegido pelos céus, ausente das macumbas e tivesse direito à eternidade abençoada em caso de decesso. E Arcadio pensava, se quisessem que a lavoura corresse bem como corria a breve vida do menino, não podiam chama-lo Inácio, nome de macho, nem vesti-lo com suspensórios de couro marrom. E assim fez seu plano para enganar os feitiços de outrem, de trocar do menino o nome e as roupas. Quando as mulheres chegaram, já pusera as cadeiras na varanda a fim de noticiar à família. "O menino vai se chamar Ana", explicou, e o fez com os olhos flamejantes de não permitir ninguém abrir o bico, de medo que davam. Apesar do absurdo da ideia, não custava a tentativa, diziam, e a partir daquela tarde o menino era Ana Inácio.

Depois do desespero, a calma. O plantio fora feito e as plantas despontaram saudáveis, cresceram verdes sob os olhos de Arcadio, que todos os dias passeava com Ana Inácio pela lavoura. A criança quase virava ano sem atribulações que perigassem contra sua vida, para alívio de todos. Depois desse tempo passado, quedo, discutiam entre si e muito pensavam sobre o contrassenso usado para acalmar seus brios, de dar ao menino o nome de Ana e vesti-lo de rendas e babados. "No fim, era só má sorte", Arcadio dizia, vendo o milharal crescendo forte ao redor do casarão. Ainda assim, continuavam com a vestimenta, com as flores na cabeleira comprida e o entoar do nome feminino. "Por garantia", diziam. Quando em vez, Ana Inácio engatinhava pelos arredores, ia brincar com terra, mexer nos formigueiros do milharal. Arcadio gostava de acompanhá-lo, aquele que salvara sua lavoura naquele ano, e vê-lo adentrar ao mar verde como se fugindo de uma praga. Muito balbuciava

o menino, palavras sem sentido, mas palavras, deveras, como se proferisse rezas ou conjurasse más línguas. Arcadio deleitava, ia ser altivo e falador, e o seguia pelos cantos.

Num dia, quando adentrava de gatinhas o milharal, o menino foi mais longe que nas outras vezes, e só parou quando viu as folhas secas. O milharal, aos poucos, ia secando todo: as folhas de amarelo queimado protegiam espigas arruinadas, bichadas e miseráveis, sob os olhos de Arcadio e Ana Inácio.

A viagem de Olívia

Gustavo Pimentel

A melhor viagem que fiz na vida foi à Fortaleza, Ceará. Lindas praias, clima perfeito, natureza, pessoas bonitas, tudo de bom. Fui quando a dureza do mundo não havia ainda me tomado nos braços, à qual eu retribuí. Quem me levou foi meu pai, Seu Miguel, enquanto seu problema cardíaco ainda permitia. Recordei-me desta viagem, agora, por estar fazendo uma neste momento. As árvores que passam voando pela minha janela são somente borrões verde escuro, e o motivo dessa viagem não me sai da cabeça.

Tudo começou quando conquistei André. Aliás, não precisei muito esforço para isso, era somente estalar os dedos que ele estaria beijando meu All-Star vermelho. Ele mantinha uma paixão por mim desde criança, já que éramos amigos de infância. Ele morava a dois quarteirões da minha casa, com seu tio, Seu Venâncio, e sempre me perseguia, insistente, e eu, sempre o rejeitava, às vezes até de forma cruel e malévola. Sempre fui uma garota, assim como meu pai gostava de me chamar, "explosiva". Sou brigona, teimosa, consigo tudo que quero, tenho uma inteligência diabólica e, sou bonita. Bonita não, espetacular!

Já, André, desde pequeno, era um garoto desengaçado, atrás dos seus óculos de lentes grossas, muito magro, muito esquisito, muita espinha, muito grudento, muito... Agora, aos vinte e poucos anos tinha ficado mais apessoado, ganhou corpo, a segura deu lugar a alguns músculos, as espinhas deram lugar a uma barba rala, os óculos deram lugar a lentes de contato. Tinha que admitir, ele tinha lá seu charme, mas não era o tipo de homem por quem eu caísse de amores, pelo contrário, gosto dos cafajestes, mas pela necessidade, ambição ou desespero, releva-se alguns aspectos e se vai à luta. Minhas dívidas eram quilométricas e o que ganhava como dançarina era milimétrico.

Com duas semanas de namoro, já andava angustiada, até André dar a brecha de que eu precisava. Não falseei e entrei. Aquele era o passo

seguinte para o meu plano, já que o primeiro, estava cumprido, que era namorar com ele. O coitado estava tão apaixonado por mim, com a cabeça a ver campos floridos e pássaros a cantar por entre o arco-íris, que nem percebeu meu fingimento.

- Sabe Olívia, meu tio é um velho tarado.

Como se eu não soubesse, o velho me comia com os olhos cada vez que eu passava por ele.

- Descobri uma coleção de revistas e filmes de sacanagem guardadas em uma caixa na garagem, no meio de um monte de entulho.

- Mesmo?!

- É. Além de ser um velho antipático e egoísta, é também um tarado. É um homem triste, insuportável e sovina aquele. Acredita que ele fincou o rabo em cima do monte de dinheiro que tem e não divide com ninguém. Acha que vai levar para cova quando morrer. Gente boa mesmo é teu pai.

- Tem razão, o Seu Miguel é um amor. Não posso reclamar do meu pai. Por que você simplesmente não deixa o Seu Venâncio e vai embora?

- Não posso fazer isso, Olívia, ele é minha única família. A pessoa que me criou. Apesar de não gostar dele, tenho que retribuir o que ele meu deu. É ele quem paga meus estudos, comida, e tal..

- Tenho uma ideia para acabar com esse problema.

De início, André ficou surpreso, após receoso e, depois, assustado, mas com alguns carinhos e massagens em lugares estratégicos, ele acabou concordando. Afinal, não disse que eu conseguia tudo o que queria?

O local escolhido era um hotel barato, uma verdadeira espelunca, frequentada por hóspedes chinfrins, localizado numa rua esquecida de um bairro decadente. Local perfeito.

Pouco antes do horário combinado, recebi uma ligação no celular. Era André. Comecei, então, a deixar tudo preparado no quarto. Na minúscula sala, improvisei um palco para o espetáculo, coloquei o CD

de músicas românticas no aparelho que trouxera comigo, apaguei as luzes deixando só a do banheirinho acesa, dando à sala uma aura agradável, um clima noir, vesti minhs lingerie de renda mais sexy e em cima dela um vestido longo e preto, colado ao corpo. Calcei sapatos de salto alto, tipo agulha, soltei os cabelos que se derramaram em cascatas nas minhas costas nuas, borrifei perfume no pescoço e no peito, acima dos seios. Perfeito! Nada poderia dar errado.

Não demorou e ouvi batidas na porta. Liguei o som rapidamente, me posicionei no "palco", de costas para a porta e mandei que o velho entrasse. Quando se deu o som seco da porta se fechando, disse a ele, com uma voz melosa, pingando luxúria, que se sentasse na cadeira. Estrategicamente, eu a havia posicionado há alguns metros longe, e quando a escutei ranger sob o peso dele, comecei a dança.

Seguindo o ritmo da música me contorci, empinando a bunda. Em movimentos rápidos, virava-me para ele jogando os cabelos no rosto, colocando o indicador nos lábios, impregnados de batom, segurando-o por entre os dentes, para logo após descer com as mãos espalmadas pelos seios, passando pela barriga dura, estacionando-as nas coxas torneadas. Eu não olhava diretamente para ele. Não queria que ele me reconhecesse.

Quando soltei o botão que prendia o vestido atrás do pescoço, deixando-o cair em torno dos tornozelos, consegui escutar o gemido do solitário espectador. Em meio à penumbra pude perceber que ele estava com seu tradicional boné de lã, seu rosto não se distinguia claramente, mas sua boca estava aberta em um gesto de puro prazer. Dancei mais alguns minutos até que acabasse a música, somente de calcinha e sutiã, e quando começou a seguinte, desprendi o fecho do sutiã as costas. A respiração dele acelerou. Comecei a brincar com o sutiã, sem ainda expor meus seios completamente, ameaçando tirá-lo. Ele sacou o boné da cabeça e o revirava por entre as mãos trêmulas, até que joguei a peça vermelha de renda longe, dando-lhe, no entanto, as costas para aumentar o suspense. Escondi uma parte, mas mostrei outra. A minúscula calcinha se perdia na protuberância das minhas nádegas perfeitas e irreparáveis. O velhote começou a ofegar.

Era meu melhor desempenho em anos. Isso eu não tinha dúvidas. Virei-me novamente para continuar e levar a cabo meu plano. Quando vi, o homem se levantou e se dirigiu até a parede para acionar o interruptor.

A luz doeu em meus olhos, como se fossem agulhas a penetrá-los. Instintivamente cobri meus seios. E Seu Venâncio, se transformou em Seu Miguel! A figura de meu pai se transfigurou na minha frente como em um passe de mágica! A surpresa foi avassaladora para mim. Perdi a fala e o senso.

- O que estás fazendo, minha filha?

Vi lágrimas brotarem nos olhos de meu pai, que pousou as mãos no peito, cambaleou e tombou de bruços no chão acarpetado de um marrom desbotado. Meu pai estava morto!

Quando André chegou ao quarto, esbofetei-o com força, xingando-o com os mais terríveis impropérios. Em meio a meus gritos e insultos, ele disse que tinha feito tudo correto, que tinha combinado com Seu Venâncio, o dia, horário e local que a "striper" o estaria esperando, e tudo mais. O pobre rapaz disse, ainda, que escondeu o remédio que o velhote tomava para o coração, para que as coisas ficassem mais fáceis.

O plano até que tinha dado certo, o alvo é que foi o errado. Vim a saber mais tarde, que Seu Venâncio, após muita insistência, havia conseguido persuadir Dona Iolanda, viúva enxuta e simpática, que morava no bairro, a ir com ele ao cinema. E não é que o velho havia escolhido justamente a tarde do seu compromisso no hotel, para paquerar a viúva no cinema. E, então, como estava compromissado, presenteou seu velho amigo, Seu Miguel, para que fosse no lugar dele, já que a seção com a dançarina já estava paga.

Minha impetuosidade foi minha ruína. Além de querer empurrar a culpa da morte de Seu Miguel para André, lhe desprezei por completo, como se fosse algo que me desse nojo. Disse a ele que tudo não passava de uma armação, desde o início, que o namoro era uma farsa, que meu amor por ele era uma mentira deslavada, e que eu queria mesmo era tão somente arrancar o dinheiro do Seu Venâncio.

Mas o contragolpe de André veio e foi duro.

E era esta maldita trágica história que não me saía da cabeça enquanto viajava, enquanto rodávamos com aquele furgão. Eu sabia que esta história iria me perseguir por toda minha vida.

Como queria voltar no tempo, exatamente no dia em que estava em Fortaleza, naquelas praias maravilhosas. Agora, dou de cara com meu destino. E meu destino é uma fortaleza. Uma fortaleza de tijolos, concreto e arame farpado, onde posso ler em sua fachada: Presídio Feminino Estadual.

O reverso da malandragem

Gustavo Pimentel

Endireitou a gravata como era acostumado a fazer sempre que falava com o dono da banca de advocacia onde trabalhava. Agora que já havia deixado a sala "de sua santidade" há alguns minutos, sentado em sua escrivaninha, ajeitou o saco, pois já sabia que, o que estava por acontecer fazia com que essa região do seu corpo desce saltos mortais, como se levasse uma descarga de algumas centenas de Volts. Alisou novamente o pedaço de pano listrado que pendia de seu pescoço ornamentado por um rosto que já tinha visto tempos melhores. Seus cabelos estavam grisalhos, uns diziam que era charme, mas ele se achava mais parecido com um Dálmata do que com uma pessoa charmosa. As rugas e a flacidez da pele acamparam por ali e, pelo jeito, para nunca mais sair. Eram vasos muito piores que os membros do MST. Mas para ele nada disso importava naquele momento.

Antônio Ferraz estava prestes a empurrar seu chefe, clientes, família e qualquer outro causador de sua precoce velhice para um canto escuro e esquecido de sua memória. Normalmente sua cabeça estava sempre cheia de números, negociações, cobranças, e reclamações do filho, esposa e amante. Estava chupando aquele "paralelepípedo" há muito tempo, e achava que já estava na hora de pensar em si mesmo. Tinha que aproveitar a vida enquanto suas condições permitiam e o remorso não o corroesse por desperdiçar aquele tempo que ainda lhe restava. Achava que sua estação estava chegando e seria chutado para fora do trem a qualquer momento.

Ligou para sua secretária.

- Ana peça para Fabi vir até meu escritório, por favor?

Fabi era uma das várias estagiárias que circulavam pelos corredores babando em cima dos chefes.

Minutos depois Fabi entrou em seu escritório. Cada vez que ele a via, amaldiçoava deus, diabo, Alan Kardec, padre Cícero, exú e tudo

mais, por não ter conhecido aquele pedaço de filé mignon em outros tempos.

- Queria falar comigo, senhor Ferraz?

- Feche a porta por favor.

Ela obedeceu, mostrando, quando se virou, toda a exuberância de sua juventude.

Ele, então, estendeu para ela um envelope. Ela o pegou e tirou de dentro um papel grosso cheio de escritos impressos. Leu.

- Antônio, não brinque comigo. Não me diga que isso é uma passagem?

- Sim. Para o Rio de Janeiro.

- Nossa, nunca saí desse fim de mundo. Meu sonho era conhecer o Rio.

- Então, nós dois iremos amanhã.

Assim que Fabi saiu do escritório Ana entrou.

- O que você queria com essa garota, trancados aí dentro?

- Nada. Só passei alguns trabalhos para ela. Fique calma, Ana. O que houve?

- Desculpe, é que não aguento mais esta situação. Quando você vai falar com a Fernanda, avisando que vai a deixar? Estou enlouquecendo, quero você só pra mim.

- Me dê um tempo Ana, logo vou falar com a Fernanda. Tenha paciência.

- E os próximos dias?

- Vou ter que viajar para a capital. Meu pai vai fazer aniversário amanhã. Oitenta e dois anos, apesar da próstata. Todos os meus irmãos estão indo pra lá. Vou sair amanhã cedo.

- Queria ir junto contigo.

- Agora é impossível, Ana. É um encontro de família. Todos estarão lá. Se meu pai sabe que me separei, tem um infarto.

Quantas mentiras ainda teria que contar até o final do dia? Para Darcílo, seu chefe, disse que no dia seguinte teria que atender sua sogra que estava há um passo de ir para a cova. Para sua amante, Ana, que já estava com vontade de mandar pastar, disse que seu pai estava de aniversário, sendo que seu velho já está morto há quase dez anos. O que viria a seguir? Que foi o inventor do plano real e do câmbio flutuante?

Chegando em casa, encontrou Fernanda esparramada em uma espreguiçadeira, à beira da piscina, já que era horário de verão e o sol ainda estava alto, ela tinha uma rodela de pepino em cima de cada pálpebra e um comprido copo ao lado, de onde escorriam gotículas de água.

- Oi meu amor. Como foi seu dia? - Ele lhe estalou um beijo nos lábios.

- Oi. - Ela retirou os pepinos dos olhos e observou Antônio terminar, de um gole só, o coquetel do copo.

- Corri o dia inteiro. Tive que organizar tudo para o jantar do Cris amanhã à noite. Lembra? Amanhã é aniversário do seu filho.

- Putz, me esqueci.

Sobre isso ele não estava mentido. Tinha esquecido completamente o aniversário de seu filho.

- Vou viajar amanhã. Tenho que atender alguns clientes em São Paulo, aquela família poderosa da qual te falei outro dia, os Albuquerque. Lembra? Se eu não for, o Darcílo me arranca o saco.

- Porra, Antônio, é aniversário do teu filho! O garoto te adora, está longe estudando na capital, vem pouco pra cá e você joga fora essa oportunidade?

Antônio teve que passar horas em uma ladainha quase chorosa para, apenas, atenuar o mal que traria sua ausência nos próximos dias. Estrebuchou tantas mentiras que começaram a lhe fazer mal os enroladinhos de camarão e champanhe que ingeriu como entrada do

jantar. Não sabia se sua cantilena tinha "colado", mas sabia que aquela oportunidade com Fabi ele não perderia por nada nessa vida. Não bastava a carranca vitalícia de Darcílo, a sofreguidão de Ana com seus olhos esbugalhados ou a languidez de Fernanda. Fabi era o foco.

*

Enquanto Antônio e Fabi estavam esparramados nas areias de Copacabana, dois membros da família Albuquerque entravam na recepção da banca de advogados querendo falar com Antônio Ferraz, com quem tinham assuntos da maior importância a tratar. Se os dois homens soubessem que seu advogado, a quem pagavam alguns milhares de reais pelos serviços prestados, estaria deitado de ladinho em uma esteira de palha, apoiando a cabeça com uma mão e com a outra passando protetor solar nas costas de uma estagiária gostosa, para quem prometia no dia seguinte levar ao Cristo Redentor e ao Pão-de-Açúcar, o mandariam para um lugar nada parecido com aquele de areias brancas e mar azul.

*

Como seu planejamento para aquela noite havia "furado", o encontro familiar que tanto tinha imaginado não aconteceu, Fernanda convidou Cristiano, o filho que estava de aniversário, para irem jantar em um restaurante badalado da cidade que tinha aberto há pouco tempo.

Tomava, antes ainda da chegada dos pratos principais, um Borgonha em uma taça bojuda, quando avistou no fundo do salão Darcílo, Ana, a secretária de seu marido, e dois outros homens que ela não conhecia.

Ela não era de fazer escândalos ou cenas, pois era uma mulher refinada, mas também sabia, quando estava com raiva, ser cínica e dissimulada,

com uma suavidade tamanha que feria fundo as pessoas que tinham capacidade de perceber que estavam sendo insultadas. E Darcílo era uma destas pessoas.

Disse a Cristiano que iria ao banheiro, mas sua intenção era, no retorno para mesa, fazer ser notada por Darcílo e, então, ter a oportunidade de se aproximar do tirano que em uma ocasião tão especial separou sua família. E, conforme o planejado, quando saiu do banheiro ficou de frente para onde estava sentado Darcílo, que a avistou. Ele fez um sinal para ela, que se aproximou da mesa. Darcílo levantou-se e deu um beijo no rosto de Fernanda.

- Não se preocupem comigo. Podem continuar o jantar, só vim dar um olá para o "querido" patrão do meu marido.

O "querido" saiu com uma ênfase acima daquela que ela planejava, mas não se preocupou, já que era realmente para Darcílo sentir o tamanho de sua frustração.

Darcílo deu uma risadinha sem graça, mas "pegou" de imediato a insinuação de Fernanda, sabia que aqueles comentários eram típicos dela, mas não encontrou propósito para aquilo, já que foi muito evidente o insulto. Talvez pela doença de mãe, ela esteja perdendo a sensibilidade e a estabilidade, pensou Darcílo.

- Fernanda gostaria de te apresentar Roberto e Ricardo Albuquerque. Eles são nossos clientes e trabalham diretamente com Antônio.

Apertaram-se as mãos. Fernanda também cumprimentou Ana, e não entendeu mais nada. Não eram aquelas pessoas que seu marido teve que atender em São Paulo?

Antes de Fernanda falar alguma coisa, Ana continuou.

- Transmita um feliz aniversário ao seu sogro. Oitenta e dois, não é mesmo?

Fernanda, cada vez mais pasma, se preparou para dizer que seu sogro havia morrido há quase dez anos, mas foi cortada, agora por Darcílo.

- Já ia me esquecendo. Como tá tua mãe? Melhorou de saúde? Diga que estamos torcendo pela recuperação dela.

Já era demais! Não bastava mandar Antônio para longe dela e do filho, agora estavam gozando de sua cara?! Aquela conversa de louco só podia ser gozação.

Fernanda pensou os mais sujos e bestiais impróprios, que nem imaginava que podiam se formar em sua cabeça e que, naquele momento, estavam rolando pelo interior de sua garganta e chegando em sua língua. Iria libertá-los, até que, cativa em anos de pomposidade e refinamento, pensou melhor e resolveu apenas conversar com aquelas pessoas ali na sua frente que esperavam alguma reação sua. E foi uma conversa muito esclarecedora para todos.

*

"Que noite! Sei que outra igual será impossível. Posso morrer agora. Morro com a maciez da pele de Fabi nos meus dedos e o gosto dela na minha boca". Fabi dormia de bruços ao lado de Antônio, o lençol até a cintura, deixava descoberta suas costas. "É tão linda!". Ele não conseguiu dormir. Virou-se para o lado e pegou o telefone celular que repousava no criado-mudo. Tinha-o deixado no modo silencioso, pois não queria nenhum atrapalho naquele momento com Fabi. Ao contrário, queria prolongá-lo ao máximo.

No visor do aparelho estava escrito: "15 ligações não atendidas".

As ligações eram de Fernanda, Ana, Darcílo e dos irmãos Albuquerque.

A Índia

Kassiê de Carvalho

Ela chegou em casa exausta, várias horas depois do que costumava. O dia de trabalho havia se estendido para muito além do que ela estava preparada. Trancou a porta, largou a bolsa no sofá e foi até a cozinha. Já passava das 22h e ela reparou, ao dar uma rápida olhadela pelo vidro da sacada, que a rua estava bem mais movimentada do que nas noites anteriores.

Tratou o peixinho de aquário, Oliver, pegou um cigarro, solicitou o serviço da secretária eletrônica e abriu a sacada para que a brisa noturna e barulhenta da cidade grande pudesse invadir o interior da sua solidão.

Sentou-se na cadeira de praia que deixava sempre fora, sentindo o vento fresco no rosto e prestando atenção às mensagens deixadas a ela durante o dia.

A primeira foi da síndica do prédio, pedindo pra que ela começasse a comparecer às reuniões que promovia semanalmente. A mulher, uma senhora roliça, deixava uma dessas toda semana. A questão era: pra que tantas reuniões? Sabia que não precisava comparecer a todas, pois nada de muito importante acontecia. Francamente, uma reunião por mês estava ótimo; conhecia os vizinhos, se atualizava sobre as novidades do condomínio e, vez por outra, soltava uma opinião aqui, outra lá, só pra não deixar em branco.

A segunda era do cara do encanamento, o Julian. Tinha ligado desmarcando o serviço da próxima terça-feira, que ela tinha contratado há semanas. Disse que "surgiram umas paradas aí. Ok?"

Na terceira ela gelou. Quis a todo custo ter alguma reação - qualquer uma - mas não conseguiu. Parecia que virara pedra: por mais que quisesse, não conseguia se mexer. Aquela voz grave e determinada enchera o ambiente ao seu redor e de repente o ar ficara pesado demais, parecendo impossível de respirar. Ela continuava imóvel.

-- Oi, Kath. Sou eu... Bem, hum, eu andei pensando em tudo o que aconteceu, em tudo o que a gente viveu nos últimos cinco anos e fiquei em dúvida. Quanto nós valem pra nós mesmos pra jogarmos, assim, tudo fora, do dia pra noite? Nós erramos, eu sei. Nós erramos um com o outro e cada um consigo mesmo. Nós nos equivocamos em todas as últimas decisões que tomamos. Você não acha? Você não sente saudades? Você tá feliz? Eu não tô feliz. Eu era feliz há quatro meses. E em todos os cinco anos que antecederam esses quatro meses. Kath, a gente precisa conversar. Me liga assim que ouvir, eu quero muito conversar com você. Conversar que nem adultos e resolver nossos problemas da melhor forma possível. Eu vou pra Índia hoje às 20h30min, queria saber como você tá. Então... Era isso. Me liga, Kath.

Houve um chiado alto. E mais nada.

Ela permaneceu imóvel pelo minuto que se seguiu ao chiado e só então conseguiu se mexer. O corpo já não parecia mais tão retesado, mas ainda era difícil respirar. Espichou o pescoço pra olhar a hora no relógio que pendia desafiador, na parede da cozinha. 22h17min. O relógio parecia zombar dela.

Claro que não estava feliz e era óbvio que sentia saudades. "Bem" ocupava a última posição em sua lista de "Coisas que eu estou sentindo". Ela precisava falar com Bill. Ela não só precisava, como queria mais do que qualquer outra coisa falar com ele.

Índia. A essa hora ele estava longe. Ia ter que esperar até a manhã seguinte. Ela não queria esperar. Ela não queria que ele estivesse na Índia. Os últimos quatro meses ocuparam o lugar da lista dela de "Piores dias da vida". Ela não via graça em nada e o mundo passara a ser cinza. Ela tinha que falar com ele. Aqui e agora. Índia? Ela sentia náuseas só de pronunciar o nome dentro da mente. Índi... Ela o queria na sua sala. Agora. Tirando sarro do peixinho dourado dela que tinha cara de siri. Ele sempre dizia isso. De repente, ela se deu conta de que amava cada birra, cada piada, cada oscilação de humor. Ela adorava o cabelo bagunçado que ele cultivava e, na verdade, não tava nem aí pra roupa atirada no canto do banheiro. De uma hora pra outra, ela percebeu que, quando ele passou pela última vez por aquela porta que ela havia acabado de trancar, uma parte dela fora junto. A melhor parte dela fora junto.

De um minuto pro outro, ela descobriu que o lugar dele era ao lado dela, assim como, o lugar dela não era em nenhum outro lugar se não ao lado dele.

Ela quis berrar, chamar, fazer ele voltar. Ela quis que o mundo soubesse que ele era dela e de mais ninguém. Ela quis confessar pra quem quisesse ouvir que ela foi uma idiota por ter convencido ele a ir e não ter feito nada pra que ele ficasse. Ela quis tomá-lo pra si, esquecendo do mundo que há lá fora. Ela quis de volta cada dia daqueles cinco anos.

Ela ia ligar de manhã, ia lembrar que ele ama a voz sonolenta que ela tem antes das 9h da manhã. Ela ia dizer que estaria tudo bem com ela se estivesse tudo bem com ele. Ela ia pedir pra ele voltar e ia contar que o lado direito da cama continuava intocado desde que ele fora. E ele... Ah, ele ia saber que era tudo verdade...

Desde a mensagem, ela era toda sorrisos, pensando no que aconteceria dali pra adiante.

O ar lá fora ficara frio demais e, na mesma hora, o barulho doía aos ouvidos; ela já não estava mais sozinha. Podia até sentir ele de volta dentro de casa, preparando panquecas às 7h da manhã, enquanto ela arrumava o cabelo e contava a ele quais eram os planos para o dia.

Sentou-se no sofá fofinho, aninhando-se em meio às almofadas, lembrando o quão sexy ele a acharia naquele momento e ligou a TV. O noticiário entrava no plantão. A notícia era um avião atacado por terroristas: "todos os ocupantes do voo morreram" falou o homem esguio do lado de dentro da tela.

O destino que tinha a aeronave? Índia.

A melhor casa do meu mundo

Kassiê de Carvalho

Era umas quatro horas da tarde de um sábado quente e seco. Embora eu sempre tenha preferido o calor, caminhava apressada pelas ruas da cidade, almejando chegar logo a alguma praça com árvores para me abrigar à sombra. Já havia andado muito e os efeitos da longa exposição ao sol forte afetavam meus sentidos. Viver no Sul do país é bem diferente do que se pensa nas outras regiões brasileiras.

Consegui chegar ao primeiro banco da Praça Tamandaré, quase em frente ao maior hospital do Norte do Estado. Sentia-me bastante tonta no momento em que repousei no banco, mas ainda era capaz de prestar atenção em tudo o que acontecia à minha volta. Fiquei ali, quieta, observando aquela tarde ensolarada e as pessoas que a compunham. As crianças passeando com seus pais; os cães passeando com seus donos; os adolescentes passeando com seus pares; e eu passeando sozinha. Eu sempre gostei de ficar analisando os comportamentos sociais alheios, fazendo comparações de uns para os outros e anotando mentalmente toda e qualquer coisa que eu ainda não tinha notado sobre os humanos e suas relações.

– Posso me sentar aqui?

Saí do transe da análise social em um salto. Tinham se passado cerca de 15 minutos desde que eu havia chegado. Olhei para o lado e fui visualizando aos poucos aquela figura. Primeiro a silhueta, depois os detalhes foram ficando mais nítidos. Era uma senhora de presença marcante. Uma fisionomia imponente.

Assenti, ao mesmo tempo em que dei uma olhadela discreta ao redor da praça, a fim de garantir que aquele era, de fato, o único banco com um lugar vago. Como eu já havia imaginado, não era, mas bem lá no fundo da alma eu acreditava que iria apreciar aquela companhia. Além do mais, algo naqueles traços me faziam crer que eu já a conhecia de algum lugar.

Assim que dei sinal verde para que ela ficasse ali junto a mim, um sorriso doce se abriu, diminuindo os olhos dela e deixando à mostra os dentes bem cuidados. Não tardou mais do que meio minuto para que a conversa começasse a ser incentivada por ela. A senhora me fez várias perguntas breves. Respondi a todas, nem sempre retribuindo a dúvida, porque eu, de verdade, não tinha aquelas dúvidas.

De repente, surgiu a fatídica e inesperada pergunta:

– Como era a casa da sua infância?

Abri a boca, incrédula e imóvel e devo ter ficado desse mesmo jeito durante vários segundos, pois eu não conseguia pensar em uma reação coerente para o momento. "A casa da minha infância??", pensei eu, abismada. Eu nunca tinha me perguntado isso, mas agora queria saber era o porquê de ela ter me feito tal questionamento. Talvez cansada de esperar, ela tomou, mais uma vez, a frente da conversa e começou a dissertar a sua história.

– Alta, robusta, muito simples, porém, única. Sobre a casa da minha infância eu não tenho muito o que contar: ela faz isso sozinha, menina! Enquanto as outras crianças, da escola ou da vizinhança, construíam todos os dias um pouquinho das suas histórias em uma única casa, eu era a criança que se mudava de pouco em pouco. Pulando de um bairro pro outro. Eram dois, quatro, oito meses. Um ano, ou dois, no máximo, em cada casa. Não dava tempo de colocar num enredo as histórias que eu conseguia em cada uma.

Eu não entendia o que estava acontecendo. Pensei em simplesmente me levantar, pedir desculpas e ir embora. Mas ela prosseguiu antes que eu pudesse fazer qualquer coisa.

– Eu tenho, é claro, um espaçozinho especial pra elas, individualmente, dentro da minha memória. Às vezes, eu paro, conto e reconto tudo, nem que seja pra mim mesma, as coisas que aconteceram de uma pra outra. O que eu vi, o que eu cresci e aprendi. Coloco em ordem cronológica todos os principais acontecimentos que ficaram pregados no meu mural interior. Mas no topo da lista, aquela casa está sempre lá.

Nessa hora eu me dei por conta de que estava prestando atenção em cada palavra do que ela falava. De repente, a conversa ficou tão interessante que eu mal respirava para poder ouvir todas as pequenas peças daquele quebra-cabeça.

– As descobertas da vida, os aprendizados, as grandes lições que eu tive nas outras casas... É certo que tudo isso ficou marcado em mim, mas nada se compara ao que aconteceu naquela casa. Sabe, menina... Tem horas que a gente precisa olhar as coisas com outras lentes, de outros ângulos, pra poder ver direito. Acho que foi isso o que eu fiz, e acabei descobrindo qual foi a melhor casa do meu mundo.

Eu estava pronta para perguntar qual foi a dita melhor casa do mundo quando ela me interrompeu, em um tom mais incisivo do que nunca.

– A casa da minha infância é aquela que eu troquei as maçanetas, pintei as paredes e trouxe visitas. É aquela na qual eu construí um puxadinho e fiz dela o melhor lugar que eu poderia ter. Ela nunca foi um lugar físico. A casa da minha infância sempre fui eu e, assim como há cinco, há dez, há quinze anos, a casa da minha vida vai sempre continuar sendo eu mesma.

Fitei suas mãos enrugadas por um tempo. Ela entendeu que eu precisava daquele silêncio. Foi então que, num susto, percebi que ela estava se aprontando para ir embora.

– O papo tá bom, mas agora eu preciso ir. Foi bom conversar com você.

Ela deu dois passos vagarosos, enquanto eu não pude conter a inquietação que me veio à tona. Sem pensar muito no que estava fazendo, gritei:

– Ei! Espere! Me diga qual é o seu nome!

Ela olhou para trás, por cima do ombro, e com aquele mesmo sorriso doce respondeu em um tom leve:

– O meu nome? É o mesmo que o seu, ué!

Sorriu com um pouco mais de intensidade, virou-se para frente e seguiu seu caminho.

Julian 22LR

Lucas Mendes Hessel

Do alto do ginásio, entre o telhado quente de zinco e os caibros que formam a armação da estrutura do teto, Julian se prepara para o tiro.

A distância entre a escola de samba e o local que ele se posicionou para atirar contra a cabeça do delegado chefe da polícia civil é de duzentos e quatorze metros.

Julian sabe que se houve erro nessa metragem, o erro é muito pequeno. Três ou quatro metros para frente ou para trás, no máximo. Isso ele conclui pelo tamanho das casas e das pessoas que vê através da luneta 4x20 acoplada à sua carabina, carregada com dez cartuchos, calibre 22LR de alta velocidade.

Dias antes aquela conversa no bar:

– Esvaziei seis carregadores contra os pelotões que invadiram o Conjunto Habitacional. Daquela primeira vez.

– Tu alvejou quatorze policiais do BOE - afirma Dario.

– Matei oito - responde Julian.

– Ficaram com medo de ti - essa é uma realidade que Dario faz questão de citar. - Mas jornal algum vai contar que o Batalhão de Operações Especiais recuou porque um atirador que eles não sabiam onde estava os colocou de joelhos. Essa nossa mídia escrota distorce tudo. O que se negocia em Solidão, se negocia à bala e a sociedade não pode fazer nada.

– A não ser matar ou morrer - redarguiu Julian.

– Já chamam os que matam de rebeldes - diz Dario, acendendo um cigarro.

– A polícia que se converta - Julian toma um gole da cerveja que o sujeito que veio com Dario comprou. Olha para os lados, desconfiado.

– Só parte dela, porque os rebeldes morrem em maior número. E qualquer imbecil prefere ficar do lado que perde menos - Dario não parece desconfiado. - Isso nos faz mais imbecis que imaginamos que somos - também toma um gole de cerveja.

– Mas aqueles policiais que não se converteram estão sendo enterrados - responde Julian, distraído, pensando em qual seria o modelo da pistola que Dario carrega no coldre de axila, por baixo da jaqueta leve que veste. Ele próprio deveria estar carregando uma pistola.

– É que existem atiradores como tu - o tom vago de lisonja que Dario emprega não chama a atenção de Julian e ele justifica vagamente também:

– Fui jogado de encontro ao gatilho. Haviam matado seis pessoas lá do CH quando me decidi pela minha carabina.

– Conhecia todos? - pergunta Dario.

– Alguns só de vista - responde Julian.

E prossegue:

– Mas não foi por saber quem eram, nem porque foi lá no CH. Se deixássemos isso assim se tornaria comum. Seria só uma questão de tempo pra baterem na porta do meu apartamento e me arrastarem pra cadeia, ou arrastarem minha mulher.

Dario pousa o olhar sobre a mesa vermelha de plástico, onde centenas de rabiscos entalhados por chaves e facas anunciam nomes, apelidos, datas e números de telefone.

- Ou pra alguma estrada rural pra encherem vocês de chumbo.

Em resposta Julian apenas ergue os olhos na direção dos de Dario. Ambos tratam dos mesmos assuntos.

Por alguns instantes ninguém diz nada.

– É a melhor forma? - Julian pergunta.

Dario olha para a mesa riscada de plástico do bar, levanta a garrafa de dentro do porta garrafas térmico, constata que dentro do

recipiente de vidro verde não resta nada além de espuma e dá de ombros:

– Não sei. Foi tu quem tomou a iniciativa. Venho atrás de ti em busca de auxílio.

Agora Julian não discerne tão claramente a bajulação na voz de Dario. É como se ele falasse a verdade.

– Saímos os dois em vantagem – prossegue. - Querem tanto a minha cabeça quanto a tua.

– Qual é a tua participação até agora no movimento? Além de aliciar possíveis guerrilheiros novatos? - Julian tenta camuflar o tom de brincadeira de sua pergunta.

Dario esperava não precisar tocar no seu papel direto naquilo que vem acontecendo em Solidão, mas naquela conversa que teve com Julian na mesa de bar não houve uma saída que não o comprometesse. Se ele vem a um homem e pede que esse homem mate alguém em nome de uma suposta revolta civil, só lhe resta ser convincente no que diz respeito à suas próprias ações. Dario opta pela verdade.

– Eu explodi a reitoria da Universidade de Solidão - responde.

Mais uma garrafa de Heineken chega à mesa pelas mãos do sujeito que veio com Dario e que até agora não disse nada. Julian olha nos olhos de Dario por dois, três segundos. Atesta a veracidade daquela informação e acena com a cabeça uma vez, o queixo barbado descendo e subindo.

Depois dessa conversa, na noite seguinte, no esconderijo que já abriga sua esposa, um churrasco o aguarda como forma de agradecimento por seus esforços pelo movimento revolucionário.

Na manhã seguinte à noite do churrasco, em uma quitinete a cem metros do shopping Bela Cidade, analisa imagens fotográficas e vídeos que exibem o homem que é seu alvo. Próximo ao meio dia passa a ter instruções detalhadas sobre a operação que acontecerá dali algumas horas. Estuda a planta do ginásio de esportes que irá lhe servir de base para os disparos que irá efetuar contra o chefe da polícia civil de Solidão

e é informado de que não haverá pausa para o almoço. Em compensação, durante a explanação sobre o posicionamento que irá tomar no alto do ginásio, uma moça de não mais de vinte anos, de cabelo longo e muito escuro entra na sala e lhe pergunta se ele precisa ou deseja alguma droga para lhe alterar a percepção exterior ao ponto de favorecer seu ataque ao chefe de polícia.

– Se tiver sono dispomos de estimulantes como cocaína. Ou se tu te sentir muito nervoso te trago um diazepam.

Julian fita o rosto da moça onde apenas os olhos lhe sorriem e pede se pode tomar apenas uma xícara de café.

– Claro - ela lhe responde, aparentemente satisfeita com a escolha e Julian, pensando na Sniper Wolf, do Metal Gear do PS1, fica a ouvir o tom monocórdico de Dario, que explica como o suporte de tiro, que ele irá ocupar, foi montado. Poucos minutos depois a moça retorna com uma xícara de café. Julian a encara com um sorriso simpático em agradecimento. Da parte dela apenas os olhos, mais uma vez, lhe sorriem.

Uma hora depois, Julian recebe um colete de Kevlar contendo placas balísticas nas costas e no peito, além de uma Glock de quarta geração em seu respectivo coldre, mais três carregadores com dezessete projéteis cada um. Em seguida apanha o estojo que contém sua arma e é encaminhado para o ginásio poliesportivo.

Agora a carabina negra e lustrosa como um coturno bem engraxado jaz em suas mãos, pronta para disparar.

Confere o relógio analógico que carrega no pulso e calcula que ainda lhe resta tempo para um último cigarro antes da ação.

Abaixando a cabeça e se afastando o máximo que consegue da abertura do teto inclinado do ginásio, acende seu cigarro tomando o cuidado para que qualquer sinal maior de luminosidade ou de fumaça não seja detectado por qualquer um que passe na rua adiante. Quando traga, o faz com a cabeça curvada para baixo, tampando o brilho avermelhado da brasa com a palma da mão. Não é a forma mais satisfatória de fumar, mas ele prefere assim a não fumar.

A mais de duzentos metros, seguindo pela avenida paralela ao ginásio, se encontra a escola de samba Unidos da VL, que no momento vai recebendo um número considerável de participantes e espectadores do ensaio do samba enredo e da bateria.

Enquanto fuma, Julian pensa que, por mais que possa se considerar um excelente atirador, a missão que tem pela frente possui um contexto absurdamente diferente daquele que existe em um estande de tiro ou mesmo daquele que viveu nas ruas do CH, quando um grupo compacto de policiais avançou em linha reta, como tratores humanos, sem cobertura ou qualquer obstrução para os projéteis que ele, a cento e cinquenta metros de distância, lhes disparou.

Do alto do ginásio, enquanto o cigarro queima, ele repassa mentalmente as instruções de como o ataque irá se dar. O homem que deve alvejar sairá de um carro, passará entre uma pequena multidão que certamente irá cumprimentá-lo a cada passo, e, se Julian falhar, subirá um curto lance de escadas e entrará na sede da escola. Ele deve atirar nesse homem nesse curto espaço de tempo, antes que ele entre na Unidos. De preferência um disparo do torso para cima. Se possível, um segundo disparo. Para se certificar.

Dario havia lhe mostrado o local onde, provavelmente, o carro do chefe seria estacionado.

Uma vaga privilegiada marcada com dois cones laranja.

Como amante do carnaval e grande patrocinador dos eventos ligados à cultura social de Solidão, principalmente no que se refere à negritude da cidade, o homem deve ir ao ensaio tranquilamente, sem precisar se preocupar em encontrar um estacionamento próximo à escola. É o que pensa a diretoria da escola de samba.

Assim sendo, Julian colocará o retículo de sua luneta próximo ao meio da rua asfaltada, esperando que a informação de Dario esteja correta.

Tomando o cuidado para que a fumaça do seu Marlboro vermelho não saia pela abertura por onde observa a avenida, teme errar devido à quantidade de gente que vê aglomerando no local. A

possibilidade de seu alvo ser coberto por outra pessoa ou por algum veículo que passe, no momento crucial, é o que faz com que nem sinta a fumaça inalada descer pela traqueia, inundando seus pulmões.

A possibilidade de o público atrapalhar o disparo foi discutida entre ele e Dario e a conclusão encontrada lhes disse que o fator determinante seria a perícia de Julian e nada mais. Sorte é uma nulidade nessa questão.

Com o cigarro pela metade no canto da boca, puxa as hastes do bipé que sustenta a carabina, próximas da base do cano. Posiciona o bipé da arma no saco de areia que está em cima da viga de madeira que lhe serve de apoio e encosta a coronha de polipropileno preto fosco de encontro à bochecha. A soleira de borracha toca a parte macia do ombro do rapaz e seu olho busca o foco nas lentes da luneta.

A duzentos e dezessete metros de sua posição, antes de a Avenida General Osório começar seu aclave em direção ao centro de Solidão, de frente à entrada da escola de Samba, Julian encontra a vaga de carro destinada a seu alvo. Ali o automóvel, um Golf preto, último modelo, será estacionado e da porta do motorista Volmir Bairros irá desembarcar, trajando a camiseta verde e branca da Unidos da VL.

O centro do retículo da luneta repousa em uma marcação de tinta amarela sobre o asfalto. Julian observa a movimentação e repensa, com desconforto e insegurança, sobre o tamanho da cabeça de uma pessoa, mesmo com o auxílio de um dispositivo óptico, naquela distância. Tão grande quanto uma cabeça de alfinete.

Com a arma descansando sobre seu apoio, ele endireita as costas dando as últimas tragadas no cigarro enquanto destrava o mecanismo de disparo. Lembra-se da mulher que o aguarda em uma casa que não é sua, cercada de gente que não conhece, e que agora se encontra casada com um atirador medroso, que age mais por insistência do que por convicção e se dá conta, de uma maneira curiosamente súbita, de que não é nela que deve pensar agora. O semblante da esposa é perigoso quando um homem deve matar outro homem. Imaginá-la morta como represália ao assassinato do chefe de polícia é assustador. Estar assustado agora é a pior coisa que pode fazer por Naná e por si mesmo.

Espreme a bituca acesa contra uma viga próxima, observando, sem ver, os diminutos fragmentos de brasa que vão de encontro ao distante chão do ginásio e retendo a fumaça azulada nos pulmões, olha para o relógio e aproxima, novamente, o olho da luneta.

Passa cerca de seis, sete minutos observando o pessoal que chega até a escola. Uma profusão de jovens e adultos uniformizados, carregando tarolas, surdos e caixetas, conversando alto e gesticulando demasiadamente enquanto um boteco ao lado vende garrafas e mais garrafas de cerveja que é consumida quase com sofreguidão, no calor do verão, em copos plásticos frágeis e transparentes. Apesar da tarde já avançada, a temperatura anda pela casa dos vinte e oito graus e o horário não favorece em nada Julian, que não poderá se dar ao luxo de, caso não venha a disparar assim que o homem sair de seu carro, esperar seu retorno após o ensaio, já que nesse tempo não haverá mais luminosidade suficiente que lhe permita enxergar de forma adequada a movimentação da rua.

Sente vontade de tomar cerveja gelada ao ver toda aquela gente lá adiante. A primeira coisa que fará, quando aquilo tudo tiver terminado, será beber uma cerveja quase no ponto de congelamento.

Um pigarro dolorido irrompe em sua garganta ressequida.

Depois de matar o homem.

O receio o assalta quando sente uma culpa infundada ao se imaginar, depois de cometer mais um assassinato, em companhia da esposa tomando uma cerveja gelada. Não que ele seja ingênuo o suficiente para não acreditar nesse tipo de conduta. A raça humana já promoveu inúmeras vezes lautos banquetes e incomensuráveis bebedeiras em comemoração à derrota de inimigos. Mas, apesar de saber o que significa a morte de Volmir, ele não o considera seu inimigo. Ele nunca vira o sujeito pessoalmente, e, mesmo assim, por relatos de terceiros e boatos tão importantes como folhas ao vento, ele acabou acreditando que o sujeito tinha mais importância para a população de Solidão estando morto. Segundo Dario, isso faria com que as autoridades pensassem de forma mais racional na próxima vez que tentassem reprimir a revolução.

Julian também não é ingênuo o suficiente para acreditar nas palavras de Dario.

Se lhe fosse possível, voltaria atrás. Diria não a Dario e abandonaria a empreitada. Matar um homem daquela forma, distante e escondido, quase covardemente, não era direito. Quando enfrentou o BOE, os soldados vinham em formação compacta, armados, com uma parede de escudos os protegendo, passando por cima daqueles que lhes impunham resistência com chumbo e gás lacrimogênio. Mas agora ele irá atacar alguém que não ataca ninguém. Alguém que apenas pretende se divertir em um ensaio de escola de samba. Alguém desarmado que pretende apenas tomar algumas cervejas e, quem sabe, dar um ou dois tecos em uma ou duas linhas de cocaína.

Mas do alto de sua posição não parece existir possibilidades de retorno.

E se sentindo culpado mais uma vez por não se sentir capaz de simplesmente abandonar o posto e sair dali, deixando para trás o futuro e possível cadáver, sua visão alcança a imagem magnificada do carro de Volmir que se aproxima suavemente pela General Osório.

Uma taquicardia repentina faz com que sinta de maneira desconfortável o coração dentro do peito e o suor repentino das mãos começa a umedecer a coronha da carabina.

Como detesta sentir medo por algo que tem de fazer.

O medo é o mesmo, as circunstâncias é que mudam.

Como daquela vez, quando se declarou à Naná.

Aquela viscosidade morna enquanto aperta as mãos nos instantes em que tenta dizer a ela o quanto se sente atraído por um sorriso, por um chumaço de cabelos vermelhos pintados, sob a luz de um outdoor que ilumina o suficiente para fazer um bem-te-vi agir como se fosse dia.

O mesmo medo. Fontes distintas. Ao declarar-se à mulher que ama e estar prestes a matar alguém seu coração se comporta da mesma maneira.

Julian gostaria de sentir raiva ao invés de frustração.

A primeira solução para a ansiedade crescente seria acender mais um cigarro, entretanto, os anos de tiro esportivo o haviam ensinado que, infelizmente, o cigarro prejudica o fôlego do atirador, e uma respiração suave é fator decisivo entre o erro e o acerto.

Bons tempos em que ele, um gurizinho mirrado de pulmões rosados respirava suavemente sem que precisasse se concentrar muito para tanto. Seu pai também acertava, mas precisava inspirar e expirar muito mais que ele, na tenra idade de nove anos. O velho fumava, e agora Julian é fumante também. Haveria de inspirar e expirar profundamente, algumas vezes, até estabilizar a mira. O problema é que, agora que o carro estaciona em sua vaga particular, ele possui pouquíssimo tempo para o exercício de respiração.

De novo a culpa ao constatar o erro que consiste em ter esquecido uma das necessidades básicas do tiro de precisão: respirar de forma adequada antes de atirar.

Inspira profundamente.

O carro estaciona próximo à vaga.

Expira longamente.

O volante do automóvel muda à direção das rodas e a marcha à ré é engatada.

Julian puxa o oxigênio mais uma vez, profundamente.

O Golf manobra para dentro do espaço que lhe é conferido, sua parte traseira, em sentido diagonal, se aproxima do carro que ocupa a vaga de trás da sua.

O ar deixa os pulmões de Julian em um longo e suave sopro.

O retículo da carabina diminui sua instabilidade.

O automóvel de Volmir se endireita na vaga.

Julian segue com o exercício de respiração, esforçando-se para manter sua concentração focada apenas nesse simples ato.

O dedo no gatilho.

Na frente da escola quatro rapazes começam a batucar em seus instrumentos. As batidas abafadas do surdo alcançam os tímpanos de Julian. Uma tarola acompanha o grande bumbo em seguida, buscando o ritmo das batidas marcadas pelo sujeito que iniciou a batucada.

O automóvel de Volmir para de manobrar e a chave é girada na ignição, desligando-o. Dois homens começam a atravessar a rua, em direção ao Golf preto.

O delegado será recepcionado.

Julian inspira e sente que a taquicardia já não o faz vibrar como há instantes atrás. Não está calmo como gostaria de estar, mas crê que ninguém manteria a calma em uma ocasião semelhante àquela. Ele não faz ideia da pessoa que irá ser quando a guerra grassar por Solidão.

Matar um homem não é como pisar em uma barata. Ou é? Kelly Deal é mais bonita que a Kim Deal? Ele acha que sim. Naquele clip Saints, de 1994, a beleza dela chega a ser perigosa. Ele mataria por um sorriso daqueles. Assim como mataria pelo cabelo pintado de Naná quando a conheceu.

Ele vê a porta do carro entreabrir-se, mas o sujeito não aparece. Os dois homens alcançam o outro lado da rua e, sorridentes, estendem as mãos para o interior do veículo, saudando Volmir.

O olho de Julian está travado na cruz da luneta, no ponto em que a cabeça de seu alvo atingirá assim que deixar o carro.

Por algum tempo nada acontece.

Os homens se mantêm ao lado da porta semiaberta, sorrindo e gesticulando. Um deles alcança um copo de cerveja para o ocupante do carro e Julian observa quando o recipiente plástico retorna às mãos do sujeito instantes depois, já vazio. A mão que devolve o copo vazio carrega no punho uma pulseira ou um relógio dourado que Julian não enxerga naquela distância a não ser por um fugaz lampejo da luz sobre o objeto.

Ouro. Talvez tenha valor. Talvez seja falsificado. Talvez seja latão.

Julian se mantém concentrado na respiração e a farta oxigenação em seu sangue o deixa relaxado quase que satisfatoriamente.

Mais alguém, do outro lado da rua, decide ir até o carro do chefe de polícia e Julian cogita a possibilidade de errar o disparo e acabar com a vida de alguém que nada tem a ver com aquilo.

Mantém a mira firme e a instabilidade do retículo já é mínima quando o delegado finalmente se levanta.

Julian confirma sua aparência recordando das fotos e gravações.

Quem acaba de fechar a porta do carro atrás de si é o chefe da polícia civil de Solidão, que cumprimenta a terceira pessoa que chega até o carro. É uma mulher, pesada e atarracada, que recebe um breve abraço entre uma risada e uma expressão de alegria por parte do delegado, que apanha o seu segundo copo de cerveja do mesmo homem de antes. Os quatro se voltam na direção da escola de samba fazendo menção de atravessar a rua.

Quando Volmir, no centro do grupo, dá o primeiro passo no asfalto da Avenida General Osório, Julian, no final de uma expiração, puxa o gatilho usando a metade da última falange de seu indicador.

A carabina dá um coice firme em direção ao seu ombro, que absorve o impacto, e o projétil de ponta oca deixa o cano da arma a uma velocidade de quase quatrocentos e cinquenta metros por segundo. Não há estampido. A detonação da pólvora é silenciada em sua grande maioria pelo supressor de som acoplado ao cano da carabina. O que se pode escutar é somente a assinatura supersônica da bala cortando a atmosfera durante o percurso que realiza até atingir o alvo. Nenhuma das pessoas lá adiante ouve o que quer que seja. Os instrumentos de percussão falam mais alto que o projétil de chumbo.

Volmir é atingido na lateral do torso, acima do mamilo direito, e parece não se dar conta do que acaba de lhe ocorrer nos instantes seguintes, pois segue caminhando, mais dois ou três passos, quando uma repentina expressão de surpresa se forma em seus lábios e testa. Sentiu

uma espécie de cutucão quando a bala entrou em seu corpo, e, como para espantar algum inseto indesejado, dá um rápido safanão na altura do peito onde acaba de ser alvejado. É aí que se dá conta do círculo irregular e escarlate que surge na camisa que veste. Coloca a mão em cima da ferida e esfrega os dedos no sangue que escorre pelo pequeno orifício. Nenhum dos seus acompanhantes percebe o que se passa.

O delegado faz alto no meio da rua e tenta tirar a camisa.

Quando Volmir deixa cair no chão o copo, o homem da cerveja lhe pergunta alguma coisa, esticando um braço em sua direção.

O segundo disparo acerta um pouco acima da têmpora direita do delegado. O projétil se fragmenta dentro de seu crânio e um estilhaço sai pelo outro lado de sua cabeça.

Volmir imediatamente cai sobre os joelhos e então desaba com o rosto contra o chão. O sangue escorre pelo asfalto e em poucos segundos uma poça começa a se formar. O pessoal da bateria continua a batucar e novamente o silvo supersônico do segundo disparo de Julian não é detectado por ninguém.

O que Volmir foi durante sua vida escorre pelo asfalto à semelhança de seu sangue, e em instantes a dor que jamais sentiu termina.

Do alto do ginásio, Julian vê o momento em que o primeiro disparo atinge o alvo. O impacto da bala contra a carne do corpo de Volmir faz a camisa que o sujeito veste drapejar uma única vez, em um movimento brusco e circular de onda. Esse projétil passa de raspão pelo coração de Volmir, causando nele uma pequena lesão, mas não o impedindo de seguir batendo. No restante de sua trajetória termina se partindo em vários pedaços, ao se chocar contra uma das costelas de sua caixa torácica.

Com pressa, Julian mira em um ponto à frente do homem alvejado assim que se dá conta de que ele continua caminhando. Com um pequeno movimento do cano da arma e tendo o cuidado de fazer a mira um tanto mais para cima, espera que o delegado atinja um ponto abaixo de onde o centro do retículo da luneta marca.

Volmir estaca antes de seguir em direção à sede da Unidas da VL. Quando tenta tirar a camisa para verificar o que é aquele sangue que começa a abandonar seu corpo, Julian pressiona o gatilho uma segunda vez. Um momento depois, apenas o tempo suficiente para que a bala alcance a cabeça do homem, o delegado cai. Julian desgruda o olho da luneta e mete a mão no bolso em busca do celular que Dario havia lhe dado.

Da boca do supressor e da janela de ejeção dos cartuchos vazios, um fugaz rastro de fumaça clara se espalha pelo ar. Duas cápsulas douradas de latão reluzem no chão do ginásio com a pouca luz que resta do dia.

Enquanto disca o número combinado pensa que o certo a se fazer agora é tomar doze latas de cerveja de uma vez só. Uma na sequência da outra.

É exatamente isso que irá fazer depois de sair dali, quando já estiver com a esposa.

Mas naquele exato momento, tudo o que Julian precisa fazer é acender outro cigarro.

O cavalo

Glauco Macedo de Azevedo

Sou um cavalo, um mero cavalo de carroça. E apesar de boas noções de aritmética, geodésia, esgrima e linguagem transmental, além de contar com farta imaginação e um sem igual pensamento, nunca obtive muito sucesso por aqui, em Passo Fundo d'Artes, pouso hoje desse bicho da terra tão pequeno. Meu primeiro dono, e isso já vão anos, era um lorde culto e solitário que me teve por seu cavalo de confiança e melhor amigo. Um tipo excêntrico que praticava junto a mim artes variadas, próprias dos humanos mais instruídos, habilidades que assimilei graças à minha natural inclinação ao romantismo científico. O período em que permaneci com este senhor foram os melhores anos de minha vida: farto alimento, sossego físico e paz ao instinto. Mas sendo ele um sujeito dispendioso e um tanto maluco, nossa bonança durou pouco.

Passei de mãos, então, até chegar a d'Artes, onde mais não faço que refletir enquanto trote, arrastando a carroça tosca da minha sina (creio que já façam isso em outras paragens). Pertencço agora a um homenzinho magro e cruel, de dentes escuros, olhar duro e feição de fera, a quem meu arcabouço intelectual não tem qualquer serventia. Puxo a carroça para segui-la puxando, cumprindo o pressuposto da besta doméstica civil, que trabalha para continuar trabalhando.

Com o avanço da idade, meu pelo zaino desvirou num mouro encardido, feito as cãs dos sofreadores diários da terra. Hoje, por azar do chão, manco da ranilha, obra de um prego que ainda levo cravado adiante. Minhas orelhas sempre penderam para as de asno, embora meus olhos sejam belos e límpidos. No lombo há brocas que o carroceiro enche de palha. Minha magreza é horripilante, mas meus dentes, e em nosso caso há sempre que se falar neles, trituram, havendo o quê, com desenvoltura e gosto. Embora filosofe bastante, já não relincho mais aquela toada vibrátil que arremeteu certas egüinhas pelos penhascos. No lugar da sela impecável do meu primeiro senhor, do freio folhado a

bronze, dos bastos macios e do baixeiro de lã da Hungria, visto-me cá de uma tralha esfarrapada. Nos bons tempos, fui chamado de *Messieur Vizir II*, esse homenzinho de agora, enquanto lambe-me com seu açoite, destrata-me pelo mau nome de Meio Quarto.

Nesta manhã terrível, depois de vários dias em que obtive apenas dois carços de pêssego e meio litro de uísque, eu, um autêntico *Equus Sapiens*, subo a Avenida Sinimbu, brenha a pique de gente pobre e cavalos feios, o meu eito. O homem, em pé na boleia, excitado e mau, açoita-me a garupa que o vento assopra ardido. Catamos, nos bairros certos, o lixo alheio que nos sustenta. Uma revoada de moscas suga-me as orelhas, o pescoço, as partes indignas, mas na rodovia buliçosa dos carros, desistem de mim e voltam ao fedor mais familiar e profundo da Vila Farroupilha.

Um cão chamado Bife, também propriedade do homem, acompanha nossa jornada, mas em face das naturais inimizades de raça e outras diferenças adquiridas, pouco nos comunicamos. Ademais, trata-se de um canídeo jovem e de natureza irascível, o que reduz em muito nossos assuntos de interesse mútuo.

Cumprida a primeira légua, próximo às zonas mais nobres da cidade, com meu casco avariado, espalhando ondas de fogo quartela acima, profetizo como Zacarias em Jerusalém, "Dizei à filha de Sião: eis que o teu rei vem a ti, manso e montado sobre um jumento, um burrico, filho de uma burrica" Mas, entrando na praça, hoje, represento apenas uma cavalgadura bastante lesa, sustentando um Cristo muito do feioso.

O tempo rola, a carga aumenta, a vida diminui. Na Brazil Avenue, os autos balançam a carroça, os choferes injuriam o homem que me injuria por redobrada chibatada. "Mas perdoai-o, Pai...". Na Gare, pelo peitoral, já arrasto o continente da Ásia. Meu amo, erguido sobre a carga, cutuca-me, nas subidas, com a aguilhada e, nas descidas, faz o freio defeituoso serrar-me os beiços.

Na Presidente Vargas, um baio musculoso, refestelando-se na pastagem da Terceira Cavalaria Montada, zomba de mim: eis Meio Quarto de Milha Curta, o Inexperto! E, com os outros hipomorfos, ungulados e grosseiros, deitam-se a rir desse bom equino que sou, um

quadrúpede, quiçá, mais letrado que a média geral dos viventes: "...na terra, tanta guerra, tanto engano, tanta necessidade... tantas vezes...". Por regra, mantenho meus olhos baixos. O raciocínio desaconselha a luta física. Minhas antenas só auscultam sonetos legítimos que nunca soam. Vozes de bichos, de gentes e o ronco dos carros e das motocicletas históricas não me dizem respeito.

Paramos muitas vezes para que o homem revire as lixeiras. Não fosse isso eu estrebucharia. Nestes intervalos, Bife focinha pulgas em sua pelagem suja enquanto demonstra ao dono sua estúpida fidelidade canina, bem recompensada por muitos pontapés e poucas varadas.

Nas vilas profundas, as ruas, em suas homenagens, substituem os ricos gerais e coronéis gaúchos por menores majores e aspirantes. E descer a Aspirante Jenner, num dia tão queimante, até seria fácil não fosse ter de forcejar horrores para conter a carroça desembestada e rangente. Cortamos da Cruzeiro para a São Luiz, em cujos baixios, habita a gente miúda: pais, filhos, netos de miúda gente. Gente que, da força animal, tira o escrutínio da vida.

No alto, está a Cadeia e seus inquilinos forçados pela lei geral. Num cafundó da Rua Carmem Miranda, meu dono recebe de outro papeleiro um objeto elétrico, o artefacto misterioso, algo bem difundido entre os humanos, dotado de razoável valor comercial que, meu senhor, tão calmo quanto uma catarata, oculta entre os papelões da carroça. Tal transação realiza-se com ares de clandestinidade. Minha experiência de besta doméstica, filosófica, ensina que, especialmente em relação aos pobres, as transações econômicas lucrativas primam pela obscuridade e, se descobertas, desencadeiam um fato jurídico punitivo em desfavor de seu autor. Já as transações econômicas dos ricos, ipso facto, encontram-se, em geral, previstas nas leis e costumes e bem iluminadas pelo sol e pela lua cheia.

Verlaine insiste comigo: Et je m'en vais, au vent mauvais, qui m'emporte, deçà, delà, pareil à la, feuille morte. Nesse enquanto, arrasto a carroça pela dita Estrada da Pedreira, uma via novamente ocupada por desfavorecidos, onde ratos mansos até fariam um passeio calmo, não fosse a presença predadora de Bife. Sou levado a um beco encoberto pelo mato, de pedras conhecidas e ar fedorento. No final do beco, nosso

homem magro envereda por uma trilha, estalando o látigo, até parar numa clareira abafada e densa, onde apeia e tosse. Minhas orelhas são invadidas por insetos famintos. O açoite do meu rabo precisa trabalhar.

Ouve-se, longe, o rumorejo dos carros e alguma buzina. O magrelo retira-me o freio da boca, seus calcanhares estragados estalam nas chinelas velhas. Remoo o nada que troa por meu sistema digestivo. Lanço-me ao tenro capim-bambu, à sombra dos angicos. O capim é amargoso, mas ainda é capim. Ingiro a poeira grudada à rama, o que empresta àquela sexta-feira um sabor terroso de segunda.

Bife principia o reconhecimento do território, demarcando-o, aqui e ali, à sua natural maneira. Atrelado à carroça, tenho meus movimentos limitados. Ainda assim, busco o capim-bambu, sobretudo os brotos novos, em devaneio famélico, entrevedo luas, estrelas e a pedra de Sísifo. O homem afasta-se um pouco e defeca à nossa vista, da mesma forma que defecamos nós à vista do homem. Estranho apenas que os homens raramente defequem na presença de outros homens.

Ouçõ o rumor de outra carroça, conduzindo um segundo representante da raça maior, tratando-se de outro humano tão catador de lixo quanto meu dono, munido do mesmo trio de apoio: cavalo, carroça e cão. A carreta desse homem vem tão alta de trastes quanto a nossa e seu cavalo de tração parece tão deprimido quanto eu. Interrompo o pastejo e cumprimento aquele Equus com meus belos olhos, recebendo em troca o mesmo olhar incógnito que talvez lhe tivesse dirigido. Sem maiores demonstrações de afeto, retomo ao pasto e ao verso "Vai, mísero cavalo lazarento, pastar longas campinas verdejantes."

Os homens, às suas maneiras, confabulam quaisquer coisas. Depois, meu dono vem à nossa carroça de onde emerge com o artefacto misterioso. Ao descobri-lo, percebo tratar-se de um trambolho bastante comum, similar aos que eu já vira na moradia de outros homens, embora não soubesse como se designavam. Um tipo de caixa em cuja parte frontal há uma tela plana de vidro e botões para serem apertados, atrás, existe um tipo de bojo e fios para serem ligados à eletricidade. Pela tela de vidro, ligada tal caixa à eletricidade, eu já vira, desprendiam-se imagens coloridas. As pessoas, eu notava, entretinham-se diante deste

equipamento, rindo de enredos muito tolos e pantomimas bastante inconcebíveis.

Nosso dono repassa o trambolho ao outro homem, que o oculta em sua própria carroça, repassando de sua parte ao meu dono um pequeno pacote de conteúdo desconhecido. Tudo ocorre naquele ermo recanto da Estrada da Pedreira, lugarzinho encimado pelo mato ralo, onde paira uma atmosfera triste. E onde toda a gente dali não vive mesmo de refinarias.

Um tanto atrasado em sua função de vigilância, Bife relaxa a demarcação de território e somente aí percebe nossos visitantes. Eriça-se e late, dirigindo a maioria de seus latidos ao outro indivíduo canino. Compartilhando de formalidades comuns, o outro cão escava o chão, rosna e urina, cheirando as partes pudendas de Bife e permitindo recíprocas cheiradas em suas próprias partes.

Os dois humanos destampam uma garrafa e, rindo, começam a beber o líquido diretamente do gargalo. Eu, por já ter experimentado, sabia tratar-se de uísque, um tipo de infusão que torna humanos e cavalos mais resistentes. Meu compatriota, atrelado à carroça, tenta em vão engolir os brotos, embora pouco passe pelo ferro do freio. Compadeço-me, mas nada posso fazer em seu favor. Os cães, depois do curioso introito próprio à raça, parecem mais à vontade, incursionam pelo campo, somente parando quando o cão do segundo homem nota que seu dono já manobra a carroça pela borda do mato, com o fito de retomar sua jornada. Então Bife e o outro canídeo voltam para junto de nós com ares de notório desânimo em suas caras peludas.

O segundo homem retira-se, levando o trambolho elétrico escondido na carga. Meu dono parece especialmente interessado no pacotinho misterioso que o outro lhe deixara. Abre-o e analisa seu conteúdo detidamente. Noto êxtase em seu semblante. Nosso cão senta-se sobre as patas, também ignorante daquela circunstância afeita à realidade humana.

Nosso dono cata no pacotinho o que parece ser um pedrisco opaco de tom pardo. Observa atentamente aquela pedra contra o sol, aproxima-a da narina e a cheira, fazendo chiar o hidrogênio. Em seguida,

apanha na carroça um artefato bucal que, sabia eu por experiência própria, usava-se para inalar todo tipo de fumaça de prazer intoxicante. Deposita a pedrinha no bojo deste artefato, confere lá dentro com um olho, introduz ali um bocado de cinza e fumo seco. Depois, com seu lança-chamas portátil, aquece o artefato bucal ao mesmo tempo em que inala a fumaça amarelada que se desprende do pito. Seus olhos tornam-se flamejantes e uma onda de satisfação entrefecha seus olhos duros e maus.

Observando o homem, ele ainda é o mesmo carroceiro, meu dono, mas seu semblante é outro, de agonia e arrebatamento, de prazer e de loucura. Se pudesse falar, talvez bradasse: "Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde que sou eu...".

E demora-se naquele ritual. Recomeça, refaz, reinicia e nunca ri.

À tardinha, quando, sonolento, já nem pasto mais, o homem segue remexendo no artefato bucal, inserindo nova pedrinha, disparando o lança-chamas, aquecendo, inalando, chupando o monóxido amarelado ao feitio de um verdadeiro maníaco.

Bife, sentado sobre as patas, permanece inquieto próximo a mim, ora de língua pendente, ora grunhindo em direção ao dono, sempre que este emite um tipo particular de silvo. Nós, os bichos, apenas esperamos pelas providências da raça humana. Como o cão posiciona-se bem em minha frente, vejo, pelo espelho de seus olhos, os procedimentos do homem atrás da carroça.

Quando o sol já amarela, com seus olhos duros injetados de sangue, finalmente, cambaleando encurvado, o homem dirige-se para frente, balbuciando monossílabos, exibindo seus dentes negros e movendo os lábios de maneira convulsiva. Tateia as varas, chega-se à minha cabeça, retira a corda do cabresto e a leva para trás. Apoiando-se, sobe na carroça com dificuldades de equilíbrio, escala a montanha de tralhas e, pelos olhos de Bife, vejo quando laça uma das pontas da corda ao galho do angico que sombreia a carroça. Oscilante, tateia sobre os papelões. Vejo no reflexo dos olhos do cão quando o homem encontra o

relho. Agora ri e chora. Vejo quando apoia ambos os pés na tampa traseira. Ata a outra ponta da corda ao próprio pescoço com um nó definitivo, permanece cabisbaixo por um tempo curto, ligado ao galho da árvore, segurando o relho na mão direita, com o semblante autêntico dos tristes.

Anoitece em Passo Fundo d' Artes, lugarzinho progressivo para letras e texturas.

O homem ainda conta com seus olhos duros de fera, mas talvez nada mais veja por meio deles. A pouca vida, no diário, apenas procura a calha imprevisível por onde corre o fluxo certo da morte.

No exato instante em que um pássaro noturno voa rente, açoita-me, meu senhor, com a última força de seu mecanismo corpóreo, fazendo com que me lance à frente, num só tranco do meu ser. Bife alvoroça-se, rosna, embaralha-se em minhas patas. Estanco alguns passos à diante. Sinto no ar oscilações e estremecimentos do corpo debatendo-se, preso ao galho derradeiro. Chia seu sistema aéreo, contraem-se os músculos, estorce-se o esqueleto, até que toda a dor faz silêncio. E pela manhã, quando a aurora clareia a campina pobre, há ainda um ínfimo movimento de pêndulo naquele corpo magro pendurado à morte, algo perceptível inclusive a mim, em minha mera condição de cavalo.

Artes plásticas

Pedro Du Bois

Como o senhor gostaria de ser tratado? A pergunta me pegou de surpresa. Desde quando há tratamento especial para quem se hospeda em hotel de última categoria, sem ser identificado? Fiquei sem saber o que responder. Ou se deveria dizer alguma coisa. Preferi esboçar um sorriso e nada dizer. Tratassem-me como quisessem. Eu não iria responder ou atender. Entraria e sairia do hotel como sempre faço. Grunhiria algo ininteligível quando pegasse a chave e quando a fosse devolver. Não mais que isso. E isso seria muito.

Por aqui, senhor. Segui o rapaz que carregava minha pequena mala. Não a podia perder de vista. O rapaz não usava uniforme. Poderia ser qualquer um. Do hotel ou não. Minha mala é que não podia desaparecer. Tinha nela a minha fortuna: calça, camisa, cueca, material de banho e barba. Um rolo de papel higiênico pela metade. Dois livros ainda não lidos e outro lido e rabiscado. Dois pares de meia. Meus chinelos. Os remédios. Como vi, andando atrás do rapaz, era pequena a minha mala: maleta, para ser mais exato. Mais alguma coisa, senhor? Precisando, só discar para a recepção. Tenha uma boa estada.

Saiu. Pelo menos não ficou esperando gorjeta. Não haveria gorjeta. Nem agrado. Nem sorriso. Meus sorrisos são poucos. Guardo-os para as minhas oportunidades. Quando quero, ou quando, mesmo não querendo, acontecem. Acanhado o quarto, a pia fazendo as vezes do lavatório. Ainda bem que havia uma cadeira, pelo menos poderia subir nela e lavar meus pés na pia. O banho poderia ficar para depois. Para amanhã se tivesse vontade e se o clima não se apresentasse frio. Sempre senti muito frio, principalmente pela manhã.

Aqui está a chave, foi o que disse na portaria, e a joguei sobre o balcão. Pelo menos falei alguma coisa. Se ele for inquirido haverá de se lembrar de mim. Nem tanto pelas palavras, mas pelo gesto de jogar a chave. Nem olhei para trás, saí direto e a rua estava cheia: vendedores, pseudos vendedores, picaretas, prostitutas, pastores e animais diversos.

Guardas, nem pensar. Não arriscariam seus parcos salários - ou suas parcas corrupções - num lugar pobre como aquele onde eu estava. E estava por necessidade.

Caminhei alguns quarteirões até chegar à região vizinha. Ruas largas, quase limpas. Prédios melhores e maiores. E os picaretas, lá, são diferentes: paletó e gravata para os homens e terninhos ou saia e blusa para as mulheres. Meias de seda, sempre.

Lá estava o prédio. O contrato exigia a vistoria. Que pelo menos não se dessem conta de como eu estava vestido. Meu paletó, fora de moda. Minha gravata totalmente fora de moda. Os sapatos também não ostentavam o bico da moda. Mas era eu ou eles e lá me fui. O porteiro nem me olhou. É praxe. Porteiro só olha e repara nos bem vestidos. É como ele gostaria de estar e ser. Ser igual na desigualdade, que o tabacudo não conseguia entender. Nem em mil mortes e renascimentos. Ampla entrada. Os escaninhos de correspondência à esquerda. Algumas pontas de envelopes saindo dos pequenos boxes. Os envelopes têm aumentado de tamanho. Na frente, os elevadores. Dois sofás faziam a ala direita, sobre eles três quadros: óleos sobre telas. Horróricos. Devia haver custado uma pequena fortuna. Os decoradores sabem muito bem cobrar o que bem entendem. E os síndicos, pagam. E passam o resto dos seus mandatos explicando e repetindo como ficaram bem os quadros sobre os sofás. Quem sabe, em suas casas, dependurem coisas iguais ou piores.

Entrei no elevador. Ascensorista. Mulher sentada lendo uma revista de informações ligeiras. Fotografias, fotografias e fofocas. Estava realizada a mulher. Seu mundo ampliado na vida dos astros, estrelas, prostitutas caras e picaretas de todos os matizes.

Vigésimo andar, disse. E não disse, por favor, nem obrigado. Ela moveu a mão, apertou o botão, sem ao menos tirar os olhos da revista. Melhor assim, nem se lembrará de mim, nem do andar. Lembrará que a artista fulana, da televisão e das propagandas, no sábado esteve na ilha geral dos artistas e que a comida estava ótima e o vinho foi oferecido pela bodega da esquina e que na quilha do barco todos foram fotografados e estavam lindos. Na próxima semana estreará a nova novela e o horário nobre se renovará na estética e na falta de ética com

que os protagonistas se repetirão em mesmos temas pouco mais apimentados, que os gostos se aprimoram e se refinam as maldades.

Vigésimo, disse ela. E seu olhar continuava na revista. Saí, sem agradecer. Corredores em duas direções. A sala 2020 seria pela esquerda. A seta indicava. Em passos pausados, avancei. Muita gente nos corredores. Escritórios concorridos, pensei. Homens de paletó e gravata. Mulheres de terninhos ou saia e blusa e sapatos de saltos altos e finos. Não olhei para os lados. Acho que não me notaram. Triste, nenhuma das mulheres olhou para mim, percebi no relance em que meus olhos se deslocaram - sem mover a face - para as que passavam.

Sala 2020. Porta entreaberta. Ninguém na sala de espera. Nenhuma secretária: banheiro, almoço, contenção de despesas. Duas portas. Banheiro e escritório. No banheiro, ninguém. Luz apagada. Vazio. Cheiro de desodorizador. Horrível o cheiro. Bato à outra porta. Escuto a voz: entre! Com licença, digo.

Sentada, atrás de imponente escrivadinha, a mulher levanta os olhos e pergunta: sim?

Sim, eu estava lá. E só tinha que fazer o que haviam me pagado para ser feito. Houve o pagamento da primeira parte. O restante seria depois do serviço. Eu seria o feitor do negócio.

Era falsa loira e estava vestindo um terninho. Azul, verde? Difícil distinguir essas cores nos dias de hoje. Confundo-me com as nuances. Usava bonitos brincos expostos nos cabelos colocados cuidadosamente por trás das orelhas.

Sim? - repetiu a mulher. Sim, disse eu. Estou aqui por conta de um negócio que pode ser resolvido de imediato ou negociado com a senhora, porque estou pensando em me aposentar e a metade que já me pagaram, com o que a senhora poderia me pagar... apenas o suficiente para dois anos de aposentadoria. A senhora nem sabe o que me custa dizer tudo isso, pois, se aceitar, meu nome ficará queimado na praça. Terei que sumir de vez. Desaparecer como fumaça. Terei olhos sobre mim onde quer que vá. Os associados me assediarão. E ficarei fugindo de um lugar para outro. Ótimo, que gosto muito de viajar. E não tenho família ou laços que me prendam em lugar algum. Mas a fuga não é muito

agradável. Há o medo de dormir e não acordar. Ou acordar com alguém batendo em você. Ou atirando em você. Mas esse é o negócio e se a senhora quiser, poderemos conversar, só não discuto a forma de pagamento: à vista. Depois, sumo.

A falsa loira ficou me olhando como se nada tivesse entendido. Na verdade, dizendo como disse, a coitada não deve ter entendido nada. Um saco! Teria que repetir as palavras. Quem sabe me desdizer um pouco. Quem sabe avançar sobre o negócio que havia me levado ali. Preferi ficar calado. Ela que pusesse sua cabeça para funcionar. Haveria de entender o caso, não seria por nada que ela estava lá naquela sala grande atrás de uma escrivaninha ainda maior.

Foi o que ela fez. Entendeu, senão tudo, pelo menos boa parte. Ficou branca e vermelha. E azul e amarela. Eu ali na sua frente, quieto. Em pé. Com um pé atrás que se ela explodisse eu teria de completar o negócio e dar no pé. Azar o dela. E o meu, que teria que continuar no ofício.

Sente-se – falou. Eu me sentei. Era confortável a cadeira. Cruzei as pernas sem perder a possibilidade de ir direto na ação, se necessário.

Então é isso, disse. Sim, respondi, é isso. Como se fosse a coisa mais natural do mundo e ela estivesse frente a mais um dos seus negócios. Nem sei que negócios seriam. Na porta do corredor não havia nenhuma indicação, nem sobre sua escrivaninha. Nem uma placa, plaqueta, cartaz, seja lá o que for. Eu é que não iria perguntar. Nem ela teria tempo para responder.

– E quem o mandou aqui?

Nunca irei entender as razões que levam as pessoas a fazer as perguntas mais impertinentes e inconsequentes. Não há o menor interesse em lhe dizer quem me mandou aqui.

- Acontece que mandaram. E o negócio foi o que lhe disse. É pegar ou largar. E nem é tanto dinheiro. O bastante para mim. Para você, míseros dinheiros. Coisa de troco ou trocado. Até o lavador do seu carro deve pedir mais do que peço.

– E como posso saber que é verdade; que você não passa de um pobre coitado, oportunista que, vendo a porta aberta, entrou e veio com essa história maluca só para me tirar algum dinheiro?

– Eu não seria esperto o suficiente para pensar numa história dessas. Só sei por que é verdade. E eu sou o mensageiro, executor e feitor. Por isso estou aqui e porque estou aqui e estou cansado pensei em lhe fazer essa oferta.

– Se você fosse homem, quem sabe, nem teria falado nada. Entraria, faria o serviço e iria embora. Meu pagamento está garantido.

– Podemos detalhar melhor o negócio?

– Como saberei que não voltará para terminar esse serviço? Como ter certeza de que a sujeira não se repetirá? Como terei confiança em que tudo começou e terminou tão rápido e simples? Lógico que você não me passará recibo do serviço e da quantia que porventura vier a receber, não é?

Soube ali quem ela era. Pelo menos, o que fazia. Era consultora financeira. Só um consultor financeiro, muito mais do que um advogado, ou ministro de estado, ou pastor religioso, ou jogador de futebol explicando a derrota do seu time, seria capaz de fazer aquelas perguntas. Fiquei momentaneamente tonto. Mas me protegi, bem que ela poderia ter me derrubado ali, naquele primeiro assalto. Era só ter feito mais duas ou três colocações daquelas. Fingi bem meu distanciamento e respondi: é pegar ou largar. E largar significará que terei que completar o serviço.

– Está bem - disse-me ela - eu pago o que você pedir, mas preciso de uma única informação, nem precisa ser direta, é responder sim ou não, ou mexer com a cabeça: foi meu ex-marido?

– Não, respondi.

– Foi alguém da minha família?

– Não, respondi.

– Algum cliente?

– Sim, respondi.

– Por favor, preciso do nome.

– Não posso lhe dizer. Poderia ser usado contra mim.

Fico quieto.

– Não, seu panaca! - gritou ela na minha direção. - Você não está entendendo. Só preciso o nome do canalha porque dele é que irei tirar o dinheiro para lhe pagar. E o pateta nem ficará sabendo. Apenas achará que neste mês suas aplicações não renderam tanto quanto nos anteriores. E assim, de pouco em pouco, em pouco tempo farei a maior limpeza no que ele tem aplicado comigo. E adeus dinheiro. Um pouco para você, e você ficará satisfeito, até porque irei pagar-lhe mais do que me pediu. Quem sabe dará para uns 3 ou 4 anos de aposentadoria: depende do que gastar com bebida, drogas, jogos e mulheres ou homens. O restante será meu e o gastarei como bem quiser: novos quadros nas minhas paredes, como os que decoram o hall de entrada do prédio, por exemplo.

Empunhei o revólver e disparei todas as balas. Ela caiu com os olhos arregalados. Estava morta antes de chegar ao solo.

Minha chave, pedi sem olhar para o rosto do recepcionista. Subi ao quarto. Lavei o rosto. Escovei os dentes. Arrumei minha mala. Deixei um dos livros de fora, iria lê-lo na viagem: Artes Plásticas, coletânea de artigos do escritor Harry Laus, organizada por sua irmã, Ruth.

Aeroporto d'almas

Adelmir Scilessere

Eu saio do quarto dela e encontro o hall vazio. Um silêncio respeitoso paira no ar. Apenas um sofá verde desbotado observa o abrir e fechar da boca do elevador. Eu procuro um destino. Uma porta identificada: 'Saída de emergência'. Alguns passos até ela e eu já estou atrás da porta que dá para uma pequena passagem de andar pelas escadas, onde somente tem a luz que a janela deixa entrar no espaço escondido nas entranhas do prédio de quinze andares. Um lugar perfeito para aliviar a minha ansiedade.

Abro uma fresta na janela e uma brisa noturna, ainda morna pelo calor do dia, me recebe. Aquela janela seria minha cúmplice. Um adesivo na porta corta-incêndio alerta-me em vão: 'Proibido Fumar – Lei 2603'. Confiro a posse do fumo e do fogo e me acomodo encostado na parede junto à janela.

Acendo o cigarro e providencio espessas 'baforadas', enquanto miro o céu estrelado, mas pensando na cena no quarto dela. Seu corpo frágil, coberto por um fino lençol, ligado a tubos e com a respiração ofegante, apesar do oxigênio da máscara, aliado ao vazio de seus olhos vagos, fizeram-me pular da cadeira ao lado do leito e buscar alento na imediata nicotina do cigarro.

Debrucei-me no parapeito da janela cúmplice e soltei a fumaça, deixando partir na brisa os fantasmas da possível fatalidade de sua morte. Meus olhos se voltam para o céu estrelado, procurando uma distração. Lembrei-me do tempo de criança, quando gostava de imaginar desenhos que se formavam traçando-se linhas imaginárias unindo as estrelas.

Naquele início de noite, na janela voltada para o leste, meus olhos conseguem distinguir nitidamente a Constelação de Escorpião. Um desenho fácil naquela noite difícil. Apoio meu queixo no parapeito e busco entre os incontáveis pontos de luz, um alento para as vezes que desperdiçamos grão de vida, assim como pássaros descuidados com a fartura das colheitas, acham que a primavera nunca vai terminar.

Uma profunda tragada faz brilhar a brasa que ilumina fugazmente meu oportuno abrigo. Reparei no ambiente vazio. Assim pode ser a Vida. Um ocasional vazio.

Voltei meus olhos, desta vez em busca de vida, para o outro pavilhão do hospital que ficava na minha frente. Observei pelas janelas os quartos iluminados pelas luzes frias das lâmpadas fluorescentes. Deitados nos leitos estavam corpos onde estagnaram vidas. O tempo não pára, já escreveu o poeta. Penso que ele não estava completamente certo. Para quantos o tempo já parou naqueles leitos com lençóis suados pelo escorrer da vida?

A compulsão em me contaminar com a nicotina urge, tentando assim aplacar minha apreensão. Minhas baforadas lançam fantasmas de fumaça no breu da noite.

Por entre uma das janelas, eu vejo um corpo solitário e inerte, conectado a bolsas plásticas por cânulas, que lhe despejam antibióticos, soros, analgésicos, e sabe-se o que mais. Imagino que a morte lhe ronda.

Desvio o olhar e em outro vão está estendido numa cama um corpo de mulher, ladeada por um homem segurando um bebê. Visão que traz promessa de vida!

Utilizo duas tragadas pensando na antítese daqueles vãos fluorescentes.

A penúltima tragada desvia meu olhar para as clarabóias no telhado, me lembrei das bocas de silos dos mísseis. Seriam por ali que almas partem ou chegam do Éter?

A brasa esquentando meus dedos e isso avisa que minha dose pretendida de nicotina já fora inalada. O relógio denuncia quinze minutos longe da alma que eu necessitava zelar. Movimento o meu esqueleto e deixo o abrigo tabagista.

Enquanto eu decido meus passos de volta ao leito no quarto, Deus vem em meus pensamentos. Seriam Deuses os Astronautas? Ou seriam médicos os deuses? Talvez Deus seja simplesmente o Grande Controlador da Torre daquele Aeroporto D'Almas. Aquele que decide o momento de decolagem e aterrissagem das almas nesta existência.

Sob a dúvida e a escuridão

Passarinho

Quando os seus olhos abriram, influenciados pela intensa dor que sentia, ele percebeu que estava sem partes da percepção. Estava envolto a uma escuridão plena que tomava conta de tudo e que o fazia pensar que pudesse estar cego. Com o rosto encostado no chão, sentia cada uma das minúsculas partículas de terra que entrava nos poros da sua pele. Nada ouvia além das batidas aceleradas do coração e da sua respiração ofegante mesclando-se com seus gemidos de dor.

Sem saber quem era, e como havia chegado naquele lugar, ele ficou imóvel, deitado de bruços, sentindo o sangue que escorria de seus braços secar e encascar, formando uma nova pele, mais grossa e fétida. Estava frio, o seu sangue era uma fonte de calor, lhe cobria os braços e algumas partes do corpo como um líquido cobertor. A dor febril fez com que seu corpo ficasse imóvel. Seus olhos, cegos pela escuridão, voltaram a se fechar sem lhe proporcionar nenhum tipo de cor nova para substituir o negro da treva que lhe envolvia por completo. Assim, ele ficou por um tempo, tomado de dor, dúvidas e escuridão. Aos poucos o cansaço foi tomando conta e, assim, ele se rendeu ao sono. Seu descanso logo foi interrompido pelo latejar doloroso das veias que voltavam expelir o sangue para fora de seu corpo. Acordou. Tentou se levantar, mas desmaiou.

O despertar definitivo não se fez diferente à realidade que vivia antes de fechar os olhos, e assim, permaneceu imaginando o que e como teria tudo aquilo acontecido, sem ao menos ter alguma pista. Seu corpo já estava amortecido por estar parado na mesma posição há tanto tempo, queria se movimentar e pedir ajuda. Ao tentar virar de lado, sentiu uma onda de dor, e largou um grito que ecoou por alguns segundos até se perder no ar. Sua dor aumentou ainda mais. Ele percebeu que seus dois braços estavam quebrados, e que o sangue que escorria e apodrecia pelo seu corpo, era consequência das fraturas expostas que naquele instante se faziam mais vivas do que ele, pregando

a dor na sua carne. Cansado de tanto sofrer em um pesadelo que vivia acordado, entregou-se ao sono outra vez, dormiu com esperança de acordar em outro lugar, em outro corpo, qualquer que fosse e que lhe tirasse desse castigo.

Dormiu por mais um tempo até a dor vir em forma de despertador. Ele voltou a abrir os olhos e seguiu sem ver nada. Suas pernas podiam se mover, e ele não queria se entregar ao desespero que começava a tomar conta da sua sanidade, para isso precisava sair daquela agonia. Decidiu enfrentar a dor e começou a se arrastar para algum lugar onde pudesse encontrar luz. Com a face sendo ralada pelo chão, ele arrastou-se por alguns metros até encontrar uma parede fria e úmida que impossibilitava seu progresso. Sem poder seguir adiante, ficou ali, mais uma vez imóvel, ouvindo pequenos ruídos pelo chão. Sentia a boca seca e um vazio enorme no estomago, além da dor, agora outros males vinham lhe atormentar.

A fome e a sede já haviam se tornado outra de suas preocupações, já era capaz de dar um de seus braços podres por um pedaço de carne e um copo de água. Houve momentos em que pensou em comer seu próprio corpo e beber do seu sangue, devido a essas necessidades. Sentiu que na parede úmida a sua frente havia uma espécie de gel, forçou para movimentar seu rosto, chupou e lambeu aquele gel gosmento até que a sua língua raspou na pedra. Engoliu o limo frio ao mesmo tempo em que sentia nojo e vontade de vomitar. Mas ao mesmo tempo em que se enojava, sentia que aquilo era seu conforto momentâneo. Talvez se alguém aparecesse por ali e lhe ajudasse, desse ao menos um pedaço de pão duro e um pouco de água suja... mas nada, nada aparecia, nada se resolvia, o tempo passava e ele estava só, acompanhado pelo seu desespero e pela presença de alguns insetos que se demonstravam ariscos ao se arrastar pelo chão.

Se era dia ou noite ele não sabia, como e quando chegou ali também não. Talvez tivesse sido largado ali para sofrer, talvez tivesse sido torturado, culpado por algo que não lembrava naquele momento. Não sabia de nada, não lembrava, estava ali, sofrendo, e só. O tempo passava sem ele perceber, sua pouca percepção estava focada na imensa dor e na tamanha fome que já consumia a sua carne como um parasita

que absorve a alma e a coragem. Com voz fraca ele rezava baixinho pedindo para que qualquer deus ou demônio livrasse seu corpo de tamanha angustia e sofrimento. Foi neste instante, que percebeu a presença de outro ser aproximando-se do seu corpo. Sentiu que começava a subir em seus pés um inseto comprido e cheio de pernas. O inseto corria pelo seu corpo de forma sinuosa e ia subindo gradativamente: coxa, costas, passando pelo pescoço até chegar a sua face. Ao chegar próximo aos lábios entreabertos, o inseto se deparou com a agressividade que a fome causa. Os dois seres lutaram por suas vidas através de forma agressiva. Enquanto o inseto percorria dentro da boca entreaberta, o homem faminto tentava de alguma maneira mastigá-lo. Quando ele finalmente conseguiu prender o animal entre seus dentes, já tinha a boca toda inchada devida as dolorosas picadas. Sentiu-se vitorioso por isso, e aquela dor horrorosa que sentia foi totalmente substituída pelo breve prazer de mastigar aquele crocante bicho que lhe servia de alimento para o corpo a alma e a raiva. O gosto diferente e asqueroso era apenas um diferencial em meio à tamanha alegria que sentia ao estar alimentando-se daquela coisa suculenta.

Seus pensamentos estavam ainda mais confusos e agora se voltavam ao medo de ficar ali, sangrando, sofrendo por mais tempo. Sua dor corpórea começava a se misturar com o veneno inoculado pelo inseto e pela alucinação. "Alguém virá me ajudar..." - seu estomago mexia-se involuntariamente - "alguém virá me ajudar..." - a boca inchada começava a regurgitar líquidos fétidos - "alguém virá me..." - seu corpo amortecia cada vez mais, e a alucinação engolia sua realidade - "alguém virá..." - ele concentrava toda a sua força na vontade de viver - "Alguém...". Começou a ouvir o que seria o ladrar dos cães do inferno, ou seria o canto dos pássaros celestiais? As nuvens do céu e a fumaça do inferno eram todas vistas na cor negra, ele delirava na escuridão...

De modo estranho, a par de tudo isso, ele ouviu um nome sendo ecoado do alto. "Seria Deus me chamando? Esse seria meu nome?". Começou a sentir o cheiro de querosene e a ouvir o ladrar de cães se aproximando de onde estava. Em um raro instante de sanidade, lembrou-se do brilho das noites de caça, do cheiro do cigarro de palha, de outras coisas simples que talvez não tivessem vindo à tona em toda

sua vida e que agora pareciam as coisas mais importantes para ele. Começou a lembrar, e isso fez com que usasse o pouco de força que lhe restava para se arrastar mais um pouco em busca de uma saída. Arrastou-se contornando toda a parede até perceber a circunferência que lhe prendia, não havia saída! Algo começava a fazer sentido. Em um ato de desespero, fixou seus pés na parede e impulsionou o seu corpo dolorido até que pudesse virá-lo para cima. Outro grito de dor ecoou e se perdeu no ar.

Percebeu que alguém se aproximava dali, ouviu assobios, gritos chamando por alguém, voltou a ouvir os cães ladrarem mais alto, tentava sentir esperança, mas não sentia mais nada. Seu corpo já não lhe respondia, sua boca estava calada...

De repente, um feixe de luz tomou conta daquela escuridão revelando aos seus olhos o local onde ele estava.

– Tragam uma escada, uma corda, ele está no poço! Por Deus, há quanto tempo esse miserável está aí?

"Ele está no poço? Seria eu? Quem eu realmente sou? Miserável? Pelo menos não está mais escuro!"...

Seus ouvidos não puderam escutar mais nada, e seus olhos se fecharam antes dele ver quem estava chegando para lhe ajudar.

A coisinha

Marcos de Andrade

Meuro era escriturário, vivia sozinho e seu único vício era uma cervejinha com os amigos nos finais de semana.

Seu nome sempre confundia as pessoas, que lhe perguntavam

– Não seria Mauro?

Ele, com a paz e paciência de Gandhi, respondia.

– Não. É assim mesmo, Meuro. É que meu pai sempre dizia antes de eu nascer “esse é meu ouro”. Entende?

As pessoas entendiam, mas não gostavam e opinavam pela abertura de processo para que ele mudasse o nome para Mauro, que era mais fácil e comum.

Entre seus poucos amigos encontrava-se, no ápice da pirâmide, Sergio Galetus.

Sergio era jogador de cartas inveterado. Fumava e bebia todas, principalmente uísque. Nunca tivera cuidado com o corpo ou com a mente. Levava, segundo ele mesmo, uma vida livre. Apesar de todos esses pesares, era casado e tinha três filhas.

A mais velha, já casada, morava no exterior e lhe dera um casal de netos. A do meio estudava e, segundo as más línguas, dava tanto quanto. Mas, se serve de consolo, ela não era lá muito de estudar.

A mais nova, que tinha apenas treze anos, era muito linda. Tinha os olhos mais gateados que Meuro já vira em sua vida, mas eram muito parecidos com os da mãe, por quem ele nutrira a vida toda um amor platônico.

Ocorre que, em meados do ano, Meuro ficou sabendo que Sérgio desenvolvera um câncer no fígado.

Em virtude do estilo de vida que levava, não possuía casa própria e nem dinheiro para custear o tratamento que, de início, segundo o que lhe contaram outros amigos, deveria ser através de quimioterapia e, posteriormente, radioterapia.

Sua aparência evidenciava a debilidade que o corpo sofria. As tosses eram longas e sofríveis e, por vezes, chegava a urrar em estertores alucinados.

Já sem forças para suportar a dor do esposo, Lelinha andava às tontas. Era preciso prover para a família e para o tratamento. Mas onde buscar meios se os amigos se evadiam da companhia de Sergio?

A menina, vendo o sofrer familiar e o descaso dos amigos, deliberou procurar por Meuro naquela mesma tarde em que vira o pai cuspir sangue.

É preciso esclarecer que Meuro fora o único amigo que nunca se separara de Sergio e de seu amor platônico.

A menina, com certo receio, ao fim da tarde, bateu à porta da casa de Meuro. Antes que o arrependimento lhe tocasse a campainha da consciência, Meuro lhe saudou com uma pergunta assustada.

- O que foi menina? Aconteceu algo com teu pai?

- Não, Seu Meuro, digo, sim.

- Então fale logo, que meu coração já salta do peito!

- Posso entrar?

- Ah, desculpe-me a distração. Entre. Quer tomar alguma coisa?

- Não, obrigada. Eu não estou com sede.

- Então, você ia dizendo que...

- Que meu pai está muito mal, seu Meuro.

- Sim, eu sei. Tenho muita pena dele.

- Pois então. Dos amigos dele, somente o senhor o visita e, pelo que ouço falar, é seu consolo.

- Prossiga, por favor.

- O caso é que nós estamos passando muitas necessidades. Que não temos dinheiro para comer e muito menos para o tratamento de papai...

Meuro coçou o queixo. Baixou a cabeça e olhou para o assoalho sempre muito brilhante.

- Eu imagino, querida.

- Meu pai não sabe que eu estou aqui... Nem a mamãe.

Os olhos de Meuro brilharam. Sua mente viajava.

- Mas, diga lá, o que lhe vai à cabeça?

- Eu vim pedir ao senhor que, por amor de Deus, nos ajude. Eu sei que provavelmente a gente não tenha como pagar e...

A menina começou a chorar. Meuro aproximou-se e abraçou-a, carinhosamente, pediu que se acalmasse e lhe alcançou um copo com água e açúcar.

- É que é muito triste, seu Meuro. Meu pai é um cara legal, um bom pai, muito embora nunca tenha cuidado da própria saúde.

- Vamos fazer o seguinte. Você vê lá com sua mãe de quanto precisa para o tratamento do Sergio e depois me conta e nós conversamos. Mas não conta nada pra tua mãe e nem pro Sergio.

Mais calma, a menina abraçou Meuro e beijou-o no rosto, agradecendo de antemão pela ajuda.

- Mas que fique bem claro, menina. Vamos conversar antes de qualquer decisão.

- Certo, seu Meuro. Amanhã eu venho aqui no mesmo horário.

Naquela noite, Meuro debateu-se muito na cama, entre sonhos e devaneios. A lembrança das palavras da menina e seus olhos lhe tiravam o sono. Levantou-se e preparou um bom café com açúcar. Muito embora soubesse que café preto não era recomendado para acalmar e nem para deixar dormir.

Entre lembranças do passado e sentimentos mal resolvidos deliberou o que iria fazer quando a menina voltasse. É claro que o valor seria levado em conta, mas como homem sem família, posto que fosse filho único e seus pais já haviam desencarnado há muito tempo, nada o impediria de abrir mão de certa quantia.

A menina chegou no dia e horário combinados. Estava maravilhosa. Vestia uma minissaia que combinava com a cor de seus olhos, realçando-os. Era uma femme fatale com certeza.

Meuro abriu a porta, constrangido com a presença da menina, mas feliz. Uma felicidade que não poderia ser descrita em palavras ditas ou escritas.

A menina entrou e foi logo mostrando o valor do tratamento. Meuro pensou e por fim falou.

- Certo. Eu concordo, mas quero algo em troca.

- Pode falar, seu Meuro.

- Sem rodeios. Eu quero a "coisinha".

- Eu... Quer dizer... Meu pai... - gaguejava a menina.

- Calma. Não precisa me dar a resposta agora.

- É que meu pai me fez prometer que, mesmo que isso custasse sua vida, que eu não a desse para ninguém, nem vendesse, por que era algo muito precioso e eu ainda não tinha idade e nem noção do quanto, mas mais tarde eu saberia e talvez fosse tarde para arrependimento.

- Eu sei que estou pedindo muito, mas esse é meu preço. Meuro disse isso com firmeza, muito embora titubeasse um pouco, desviando o olhar da menina.

Ela se remexia na cadeira, chamando a atenção para suas tenras coxas à mostra. A boca, carnuda e aveludada, levemente pintada com brilho labial, aroma de morango, aguçava a curiosidade de quem a visse passar. Para completar o quadro, uma miniblusa deixava amostra o piercing no umbigo.

- Eu preciso pensar. Eu preciso pensar.

- Mas, por favor, não comente nada com tua família. Não queremos causar nenhum desconforto, já que somos amigos há tanto tempo.

A menina saiu da casa muito pensativa. Um olhar profundo e assustado. Meuro ficou remoendo o que havia dito. Agora não posso voltar atrás, pensava entre ansiedade e nervosismo.

No dia seguinte, na escola, a menina contou o ocorrido para uma amiga, mas pediu segredo.

A amiga, que era filha de um policial, contou a história em casa. O policial ficou muito surpreso com o que ouviu. Em seu local de trabalho, comentou com o Delegado e combinaram um flagrante e então ele orientou a filha a desvendar o horário em que tudo se daria.

Passaram-se duas semanas e nada de a menina dar sinal. Meuro quase morria de nervosismo. Será que ela havia contado para o pai, para a mãe, para a família toda? Nesse período não teve coragem de procurar o amigo com medo do que poderia acontecer.

Numa sexta-feira, fim de tarde, Meuro recebeu um telefonema. Era a menina dizendo que iria a sua casa naquele dia.

A polícia estava a postos com as informações coletadas pela filha do policial. A menina confidenciou a amiga que havia aceitado o pedido de Meuro e que iria dar o que ele lhe pedira.

Sete agentes policiais e um delegado estavam nas imediações da casa, disfarçados, para atuar quando tudo se desse. A menina carregava consigo um transmissor que a amiga havia implantado em sua bolsa sem seu conhecimento. Tudo para que as coisas ocorressem naturalmente.

Meuro tomou um bom banho, perfumou-se e vestiu uma roupa leve e descontraída.

A menina chegou à casa de Meuro, vestida nos moldes da data anterior, com a pequena bolsa a tiracolo. Em um compartimento da bolsa estava o transmissor.

- Boa tarde – disse Meuro, nervoso.

- Boa tarde, seu Meuro – a menina também estava muito nervosa.

- Entre. Vamos conversar.

- Eu resolvi lhe dar o que o senhor pediu.

- Mas você não disse que seu pai pediu-lhe que não abrisse mão para qualquer pessoa – retorquiu Meuro, com a finalidade de afastar o sentimento de culpa que o carcomia.

- Eu sei – retrucou a menina com lágrimas nos olhos. Mas meu pai está cada vez mais debilitado e temo que morra sem atendimento, além do fato de que o senhor não é "qualquer pessoa".

- Eu sinto muito em lhe pedir isso, mas é que... Você sabe como são as coisas na vida da gente, não é?

- Sim eu sei. Eu prometo que não vou me arrepender.

- Tem certeza? Eu não quero forçá-la a nada.

- Sim. Eu tenho certeza.

- Então me mostre a "coisinha".

Nesse instante, ouviu-se um estrondo na porta de entrada da casa e vários policiais com armas na mão gritavam “polícia, polícia, não se mexa seu pedófilo”. Meuro estava muito assustado. A menina chorava convulsivamente, enquanto segurava um pequeno envelope em suas mãos.

- A prova – disse o Delegado, apontando para o envelope que a menina carregava, provavelmente com o dinheiro que o pedófilo lhe entregara - A prova está nas mãos dela.

Um policial afoito saltou e tomou o envelope das mãos da menina, que não conseguia se controlar e chorava muito.

Meuro só olhava para aqueles homens armados, todos com semblantes severos e gestos agressivos.

O delegado abriu o envelope e, em seu interior, que parecia vazio, encontrou apenas um selo. Um pequeno selo velho, mas bem conservado, dentro de um pequeno invólucro plástico fechado a vácuo.

- Mas o que significa isso? – disse o Delegado dirigindo-se a Meuro, contrariado por que no interior do envelope não havia dinheiro.

- Sou filatelista - explicou Meuro - e esse era o único selo que me faltava. Um "olho de boi". Herança de meu avô. O pai dela é meu amigo e eu o havia perdido para ele quando ainda éramos crianças, num jogo de bafo.

A revolta dos números

Eduardo Albuquerque

A situação estava insustentável. Era evidente o clima de insatisfação entre os números do relógio. Reclamações constantes, brigas que pipocavam a cada hora, discussões que se renovavam a cada minuto. Beirava-se o caos e parecia não haver uma solução em curto, médio ou qualquer tipo de prazo que pudesse ser medido por um simples relógio. Sim, a contagem do tempo como conhecemos desde os tempos dos babilônicos nunca fora tão ameaçada. Nem quando um certo alemão com mania de grandeza começou com aquelas histórias de relatividade, que não era "bem assim", coisa e tal. Uma reunião séria se fazia necessária para que se colocassem os pingos nos is, ou, para que se acertassem os ponteiros do relógio.

O problema, na verdade, era o seguinte: todos os números que faziam parte da contagem do relógio, mais precisamente os segundos e minutos, estavam desgostosos e, por que não dizer, demonstravam uma clara inveja, beirando o ciúme doentio, pelo tratamento reverencial que era dado às horas exatas. Sim, os minutos, os segundos não se conformavam com aquela importância exacerbada que todos davam às 24 horas exatas. A questão era a seguinte: por que tudo que se faz, todos os compromissos que são marcados, os encontros amorosos e ardentes entre os amantes, as reuniões que decidem o destino do universo entre o pessoal do G8, as aulas nas escolas, o início do desfile na Marquês de Sapucaí, o chopinho gelado com os amigos, tudo, absolutamente tudo, era marcado para as duas da tarde, oito da noite, dez da manhã? Por que essa discriminação absurda? Por que não marcar o encontro com o prefeito para as dez horas, dezoito minutos e quinze segundos? Por que a pelada com a turma do escritório não era acertada para as oito horas, trinta e sete minutos e quarenta segundos da noite, ou vinte horas, trinta e sete minutos e quarenta segundos, dependendo do lugar do mundo em que você estivesse? Por que o presidente não marcava a coletiva de imprensa para explicar as bandalheiras patrocinadas pelos seus aliados

para as dezesseis horas, onze minutos com trinta e nove segundos? Esse era o cerne da questão, o vil sentimento de inveja e ciúme havia se alojado no íntimo dos minutos e dos segundos, e tal sentimento os consumia de uma forma avassaladora, a única solução era uma conversa franca, aberta, olho no olho com as horas exatas. E a tal reunião foi marcada.

O grupo era grande, afinal minutos e segundos, apesar de sua insignificância na esfera temporal, eram a maioria esmagadora. O doze começou a explanação, parecendo ser ele o coordenador da reunião. Tentou levantar o argumento de que as horas exatas, em especial ele mesmo, não tinham nada a ver com isso, que o problema todo era histórico e cultural, e que ele era a hora mais importante do dia por puro acaso. De cara foi vaiado por um grupo de minutos e segundos que se amontoavam à sua esquerda e à sua direita. O sete e o onze apelaram para as artes, tentando justificar que não pediram que as músicas do Raul e do Adoniram fossem "o trem das sete" e "das onze". O comentário não ajudou em nada, só fez aumentar a inveja, a raiva, o sangue nos olhos dos demais excluídos. O oito pediu a palavra e disse, que ele, na verdade estava sendo vítima, pois os trabalhadores dos dias de hoje têm uma jornada de trabalho de oito horas e isso é uma conquista, fruto das lutas dos trabalhadores, mas foi rechaçado pelo quarenta e quatro, que desceu a lenha no oito chamando-o, entre outras coisas, de farsante, pois a jornada é na verdade de 44 horas semanais. O oito calou-se. O quinze, o trinta e o quarenta e cinco também estavam em clima de ameaça, afinal não eram santos e seguidamente se refestelavam com as horas exatas nas mais diversas atividades.

Os desgostosos estavam chateados com tudo e com todos, exceto com a NASA, que era adorada pelos rechaçados, pois, quando marcava um lançamento de foguete, os prestigiava de uma forma que nenhuma outra instituição é capaz de fazer. "O foguete será lançado às sete horas, dez minutos e trinta e sete segundos da manhã do dia três de março". E era batata. No horário marcado, com segundo e tudo, lá estava o dito cujo, a voar pelo universo sem fim.

Tal admiração dos minutos e segundos era só pela NASA mesmo. O programa espacial brasileiro não gozava de tanta admiração e

prestígio, pois, segundo os marginalizados segundos e minutos, o horário de lançamento nunca era respeitado e o retorno, pior ainda - o máximo que se sabia era que o foguete cairia em um lugar do Atlântico entre os dias dez e vinte.

Outra instituição admirada era o metrô de Londres. Na verdade, o ícone dos renegados. "O trem para Oxford chega às vinte e duas horas e trinta e dois minutos". Às vinte e duas horas, trinta e um minutos e cinquenta segundos aponta ele na curva da estação.

O mais desgostoso e o mais inconsolável de todos era o cinquenta e nove. Segundo ele, não há relato na história da humanidade de um único só evento que tenha sido marcado para as nove horas e cinquenta e nove minutos. O cinquenta e nove recebeu a solidariedade de todos; após algumas reflexões constatou-se que, de fato, ele nunca apareceu em lugar algum.

Muitos outros se manifestaram. O vinte e quatro avaliou que ele não é citado por uma questão de gênero e sexismo, existe uma clara preferência pelo doze, e prometeu procurar seus direitos na justiça. O trinta e três tentou levantar a questão religiosa, argumentando que ele era parte da história do cristianismo, mas não foi levado muito a sério pelos demais, que o viam com certo ceticismo.

A reunião estava confusa, todos falavam ao mesmo tempo. O doze, como coordenador, resolveu fazer um encaminhamento, disse a todos que, de fato, havia uma séria discriminação contra os minutos e segundos, e que aquilo era inadmissível no mundo moderno e quase quântico. Disse, também, que se solidarizava com todos os rejeitados e que, juntamente com o dez, faria de tudo um pouco para que nunca mais houvesse tal ato de exclusão, pois considerava aquilo vil, desumano e repugnante. Para finalizar, combinou com todos que a discussão não parava por ali, aquilo teria sido só o começo. Desde já, deixava-se marcada uma nova reunião, na segunda seguinte, às nove horas.

Faces d' uma tragédia

Carlos Job

Noite sombria...

O vento minuano rugia bravamente contra os eucaliptos que se curvavam ante profética expressão de poder. Trovejava ao longe e riscavam o céu relâmpagos insaciados do último temporal. A previsão de chuva calma e ventos amenos, fora dissipada pela fúria de quem é dona de si mesma - a Tempestade!

As ruas expressavam bem o conceito de vazio demográfico. Vivas almas que a habitavam naquele momento eram de alguns desgraçados, tais como, mendigos, bêbados, loucos, prostitutas, ratos e vira-latas, subprodutos de sociedades esquizofrênicas, segundo palavras de psicólogos proeminentes.

Um grito apavorante e medonho pulula o ar atmosférico, renunciando a dor dilacerante de entranhas feridas...

O telefone trine freneticamente na recepção do pequeno hospital municipal. A gorda funcionária, de sobressalto, lança um olhar odioso ao vil aparelho.

Seria apenas um pedido de informação ou o aviso de uma morte prematura? Pois sim, todos eram jovens para morrerem ou morriam antes da hora, do tempo. Estas eram as queixas mais frequentes pelos subtraídos de fúnebres entes queridos. Ela já estava farta de tais locuções tautológicas.

O telefone parecia atormentado, ela precisava atendê-lo, no entanto deslocava-se com dificuldade, pois infelizmente quebrara o pé três semanas atrás, quando resvalara na rampa de acesso ao hospital. Havia garoadado minutos antes e o imprevisto acontecera, logo com ela que jazia trinta anos naquele estabelecimento de prevenção e, quiçá, de cura de enfermidades. Por sorte o médico de plantão lhe atendera

rapidamente, mas a advertira, dizendo-lhe que poderia ter sido pior, ainda mais tendo ela 1m50cm e pesando 169kg.

Esboçava ela um sorriso amargo frente a inevitável conclusão...voltar ao regime alimentar! Ela temia não ajustar-se a vida social e ao trabalho, sem a batida de abacate, às 7h, no desjejum e o leitinho com nescau, às 16hs, no lanche, acompanhado de uma fatia de torta fria recheada com carne de porco. Mas confortava-se com a máxima fixada por ela mesma no mural da sala dos médicos: "A vida é sacrifício!".

Era 1h11min (horário de verão), fazia-se necessário vencer as dificuldades e encaminhar-se até o enfadonho aparelho.

Mesmo porque era uma obrigação trabalhista e moral, pois ocupava ela os cargos de recepcionista e telefonista do referido estabelecimento, conforme contrato firmado nos limites da lei e ajustes políticos.

Era o primeiro telefonema daquele dia 13...sim...13, sexta-feira, mês de agosto. Era indisfarçável a apreensão geral dos funcionários escalados para aquele plantão.

A avantajada funcionária finalmente alcançara o aparelho. Do outro lado uma voz trêmula, angustiada, respiração ofegante, talvez de um asmático severo ou de um tabagista pesado...diagnóstico logo esquecido ante a urgência do caso:

- Dois homens...uma mulher...um tiro...caiu o outro...talvez vivo...ou não...

- Motivo? - gritou ela cônica de sua tarefa social.

- Amor sorrateiro, as escondidas...infidelidade!

- Tragam rápido...

- Não há como!

- Endereço, ligeiro - percebera a má sorte do moribundo.

-Vila Draga... rua do Percalço... nº666... fundos.... depressa... deprrrr.... - fora os últimos sussurros ouvidos pela prestimosa recepcionista e salutar telefonista.

Acostumada a estas ocorrências, dirigiu-se a quem de direito para serem tomadas as devidas providências.

O enfermeiro plantonista deparou-se com situação "sui generis", pois não havia motorista para a ambulância na casa.

Seu Firmino, o motorista que gostava dos plantões, submetera-se a uma cirurgia de urgência, apendicite aguda. No entanto, o infeliz adquirira uma infecção hospitalar, estava à beira da morte. Logo seu Firmino, motorista calejado e de confiança. Sim, ele sempre buscava lanches para os mais esfomeados, claro que de ambulância, pois a prefeitura no afã de reduzir os gastos...fez cortes na própria carne...dos funcionários.

Fazia-se necessário contatar o administrador do estabelecimento para que ele liberasse outro funcionário para aquela função, dando-lhe folga, é claro, noutra dia. Finalmente o motorista do trator de esteira da Secretaria de Obras apresentou-se ao enfermeiro, pondo-se à disposição. Fora a última alternativa, arranjo feito entre o administrador, o Secretário de Obas e o Secretário de Saúde...velhos correligionários.

Dadas as informações e orientações necessárias ao debutante, este dirigiu-se até a ambulância. Com certa frieza no olhar percebeu de chofre o pneu vazio. O enfermeiro autorizou o vigia a ajudá-lo na troca, feita em minutos.

Ao acionar a ignição veio a indignação...não havia bateria (sem carga), alguém esquecerá os faróis ligados. Culpado? Seu Firmino. Era a única explicação possível.

No relógio os ponteiros acusavam 3hs33min. Finalmente a ambulância estava em condições de buscar o incauto. O funcionário do raio X, interessado, acompanhava todos os negócios do hospital, advertira o tratorista:

- Seu Gregório...vá com calma, pois esta ambulância ainda não passou por uma revisão mecânica.... Foi arrebatada em leilão judicial. É nossa única...vá com calma...

Partiu Gregório rumo ao acontecido. Chegando lá, deparou-se com um homem de 80 anos, agonizante...ensanguentado. A impressão primeira era de um ferimento no abdômen.

Providenciou a maca, porém, recusou-se a tocar no moribundo. Lembrara-se oportunamente dum documentário da TV. O sangue transmite AIDS. Ele tinha netos pequenos, não precisava arriscar-se e o enfermeiro não lhe dera luvas.

Enquanto os populares punham o velho na maca e o amarravam como convém, seu Gregório pôs-se de prosa com os curiosos, para arrancar-lhes detalhes e, então, transmiti-los à enfermagem e aos médicos.

Ao que parece e era o rumor geral ao menos, que o esposo cuja idade era alardeada pelos populares, de 19 anos, fora dispensado do trabalho uma hora antes, em troca de gentilezas, pois dias antes levava o cão poodle da madame para o pet.

Ao que consta, comprara um bouquet de rosas vermelhas e um espumante, para fazer surpresa a jovem esposa que completava 18 anos. Chegando em casa, fora surpreendido, esbofeteado, achincalhado e humilhado com tal visão. Na cama, sua flor de Vitória Régia - assim ele carinhosamente a chamava - debulhava-se em sensações libidinosas e rompantes carnis com um esqualido verme, traindo assim sua afeição e ternura.

Tomado pelo ódio fatídico, não ponderou. Esgueirou-se até o criado mudo, perplexo e estupefato e num grito lancinante, empunhou seu "38" e desferira tiros, que julgara fatal, no mísero autor de seus dias.

Sim...após ferir o próprio pai que o traía carnalmente, fugira em desarticulado pavor. A vida lhe pregara uma peça. Arruinado estavam os seus dias.

Seu Gregório, após tais depoimentos, partiu rumo ao hospital. O agonizante repetia ensurdecidamente:

- Quero filho! Quero filho! - era sem dúvida um depravado o candidato a defunto.

Gregório logo percebeu que a ambulância era desprovida de sirene. Ele não havia testado na vinda. Tentou buzinar desesperadamente, esta também não funcionava. Os motoristas da pista da direita eram umas lesmas. A pista da esquerda, logo naquele dia, parecia combinado, ninguém passava dos 80km/h. Ele costurava alucinadamente. Pelo espelho notou que o incauto estava a estrebuchar, precisava chegar a tempo. Apavorava-se só em pensar que aquela alma poderia culpá-lo e amedrontá-lo para o resto de sua vida.

Pisou firme no acelerador - meu Deus, a sinaleira mudara para vermelho, daria tempo? Não daria? É um fusca...pronto...novamente populares...que acidente feio...

Dizem testemunhas oculares e segundo laudos periciais e processo em andamento na 13ª Vara de Justiça, que o senhor alvejado por arma de fogo, mesmo amarrado, quebrara o pescoço. Isto ocasionara-lhe a morte e não o tal ferimento de morte do início desta história.

O motorista tratorista, o infeliz Gregório, fora lançado 13 m à frente do local do acidente, tal a violência do impacto. Curiosos sempre existem no caso de acidentes. Se há mortes eles triplicam. Quando a polícia chega no local, pelo fato de nunca estarem no local, as testemunhas reduzem-se a zero, ninguém quer falar, a mudez adquire caráter patológico. Ninguém viu, ninguém sabe, a maioria chegou depois...

Levaram seu Gregório para o hospital aludido no início desta trama, pois o motorista do fusca escapara ileso. Afirmava ele, categoricamente, estar o sinal verde para si e de não ter ouvido sequer um assovio da ambulância. Não se abalava, mesmo frente a testemunhas auditivas, de que a ambulância vinha com as sirenes abertas, muitos decibéis acima do permitido por lei.

Chegou por fim o pobre Gregório no hospital, onde não foi reconhecido por não fazer parte do quadro funcional e foi tratado com a habitual cerimônia de sempre:

- Corre...pega a maca...para a sala de emergência...chame o médico...ele vai parar...

A secundarista que cursava a Escola Técnica em Enfermagem e estava em estágio e que recém vira o médico no pátio saboreando uma bergamota, pois o plantão estava calmo, chamou-o desesperadamente. Correu o médico, correu o enfermeiro, correu a secundarista, todos correram neste momento crucial, com a adrenalina nas alturas.

- Rápido - disse o médico.

- Tragam o carro de parada - orientou o enfermeiro.

Em segundos os eletrodos estavam fixados, como se vê, a massagem fora descartada. O médico deu um grito apavorante e o coração da estagiária descompensou de súbito, tamanho o susto:

- Desencoste da cama pelo amor de Deus, queres tu levar o choque?

- Desfibrilando - o primeiro não surtiu efeito.

- Desfibrilando - o segundo não teve sucesso.

- Desfibrilando - o terceiro não provocou o esperado.

- Adrenalina intracardíaca no quarto espaço intercostal.

- Adrenalina? Mas nós não temos nem seringa -advertiu o enfermeiro ensimesmado.

Uma hora depois, na sala da direção, o funcionário responsável pelas licitações públicas para as compras de medicamentos e liberação destes para a farmácia, tentava explicar-se:

- As propostas estão em estudo, haverá lisura na concorrência. O atraso está no recesso parlamentar, os feriados sempre atrapalham e ainda temos outras emergências no município. Mas com certeza o assunto dos remédios estará na pauta da sessão extraordinária da semana que vem. Tudo vai dar certo - esboçando um débil sorriso afastou-se o ignóbil.

E, assim, morreu Gregório, que segundo testemunhas de copo, estava naquele dia ligeiramente alcoolizado.

Sorrisos no banco

Revenant

Lígia sentia-se desconfortável e angustiada. Algo invisível e indecifrável roubava-lhe o típico sorriso do rosto. Pensava no mistério sinuoso que relacionava ao intenso vento lá fora, como se o vento apagasse a chama de uma vela posta sobre um pires e cuja escuridão extinguiu o brilho de seu rosto.

Ao entrar no banco, de fones de ouvido e olhos baixos, pegou a senha e foi sentar-se timidamente no canto esquerdo da ala de espera. Havia grande movimento porque era dia dez de janeiro. Os cochichos e as conversas altas ela não ouvia, mas queria mesmo que toda aquela gente fosse para os infernos e que houvesse no mundo somente ela e a música que escutava.

Um senhor de idade, que recém chegara, fora chamado por primeiro. Um funcionário importante do banco aproxima-se com largo sorriso no rosto, olhando para o velho no caixa. Apertam-se as mãos e começam a conversar entusiasmados. A conversa impede a fila de circular. Lígia olha em volta para ver se alguém está tão desconfiado e indignado quanto ela, mas todos parecem alegres e conversam. "Maldita cidade pequena", pensa ela. "Só há puxa sacos e gente supérflua".

Aos poucos um homem adepto do fisiculturismo sentado em outra ala de espera, musculoso e tatuado, com regata justa de academia e tênis esportivo, fez com que ela se recordasse do namorado. Não sabia como continuava esse namoro tão estúpido e humilhante. "Não tenho nada a ver com ele", pensava, como se fosse novidade tal epifania. Detesta gente que malha demais, pois passam o dia sem abrir um livro e se orgulham de ficarem dez horas em uma academia, como um hamster na jaula, correndo copiosamente na rodinha. Ainda mais os seus amigos, suas festas, suas saídas que ela evitava. Só houve uma única vez em um lago, quando começaram o namoro - cheio de surpresas perante a falta de convívio - que eles se divertiram muito, e isso trazia-lhe à mente prazeres nostálgicos.

Começa a suspirar e recoloca a mesma música diversas vezes no celular. A confusão no banco reinicia a cada cinco minutos. "Como sou idiota; namorar um cara assim!".

Quando faltavam apenas seis na sua frente, Lígia sente alguém cutucando o seu ombro. Ao olhar, reconhece o professor de filosofia, Ricardo Martins, conhecido de tempos.

Ele sorri para ela, queria conversar.

Lígia tira os fones e retribui o sorriso. Ricardo inicia:

– Olá Lígia, como vai?

– Vou bem... quer dizer, chateada um pouco com a demora.

O professor Martins é um jovem tutor de mais ou menos 25 anos. Haviam se conhecido em um debate sobre antiguidade e modernidade. Ricardo fora um dos que compunham a mesa. A moça ficou admirada com sua inteligência e em como ele se posicionava ao discursar sobre tal e qual assunto. Ele possui olhos castanhos e impactantes, parecia mais um estrangeiro. No meio da rápida conversa, enquanto falavam sobre planos de vida, ela surpreende-se com a visão futura do amigo. Queria terminar o mestrado e começar o doutorado na Europa, quem sabe na Bélgica ou na Alemanha.

– Pois é - diz Lígia - realmente não sei o que uma pessoa como você faz neste inferno. Aqui o povo é alienado e muito simples. Tornam a vida de pessoas com um pouco mais de imaginação uma prisão.

– Faz sentido - responde o jovem professor, notando o desconforto da amiga. Um silêncio breve se sucede. Quando tornam a olhar-se, ambos sorriem simultaneamente. O professor, mirando no fundo dos olhos castanhos dela e depois analisando-a dos pés à cabeça sussurra:

– Você está muito melhor...

– Como assim?

– Não sei, a primeira vez que te vi você era muito mais jovem, vivia lendo e mal conversava com as pessoas...

– Ah! - Surpreende-se Lígia. - Você lembra desta parte da minha vida!

Ambos riem cada um de seu jeito. Um tom de ironia marcava o rosto da menina, pois o orgulho defendia-se daquela réplica de sua fraqueza. Imagens passam em sua cabeça como cenas de um filme. Achava-se estranha, mas de alguma forma rebelde, quando nova, meio misantrópica. E solitária... claro, pouca gente para conversar.

–Eu também me lembro de você. Lembro-me que gostava muito de conversar com as pessoas e discursar política. Acho que você tinha uns dezessete anos e já era repleto de opiniões!

–É, né? Na verdade hoje eu não tenho tantas opiniões e nem gosto tanto de falar muito de política comparado àqueles dias. Hoje parece que todo mundo só quer insultar, não é?

– Sim... sim. É uma pouca vergonha.

Lígia começa a se sentir inquieta. O que ele queria? Por que a senha está ainda no 83? No entanto, se conhecêssemos ela de tempos, saberíamos que no fundo ela odiava ser elogiada. Ademais, ela só queria resolver tudo o mais rápido possível e ir embora. Com a sua música, que continua a soar enquanto eles conversam. Traz então um assunto inesperado:

–Também me recordo quando você dava aula na escola M., você fez o estágio lá, não é?

– Ah, sim! - responde, exibindo sinais de repentino desconforto.
- Quando eu entrei você estava fazendo uma pesquisa na biblioteca.

– Isso, estava no meio do estágio. Foi em agosto, não foi?

– Exatamente.

– E por que saiu da escola?

– Bem, bem... acho que na ocasião fui dispensado, arrumei outra escola.

– Mas todo mundo gostava de você lá... os professores te elogiavam, a diretora era sua amiga, eu não entendo!

Na verdade, Lígia sabia muito bem o que ocorrera. Até mesmo o professor previa que ela fosse conhecedora deste fato infame de sua carreira. O que acontecera naquela época, no bairro da escola, o fiasco, um dia de desaforo, da aluna querida e prevenida, que nada tinha de cautelada, tão linda de uniforme azul e que passava e lhe cumprimentava e lisonjeava...

A mídia maldosa e oportunista espalhando notícias.

Lígia aproveitou o silêncio e a inquietação do professor para recolocar os fones, interrompendo a interação. Ele fica perplexo e depois finge calma, mesmo que em sua cabeça rode um tufão de pensamentos negativos e lembranças brutas. Ele fica ainda mais desvairado quando Lígia é chamada ao caixa e se despede dando-lhe um beijo afetuoso na bochecha.

Pela expressão de seu rosto e seu olhar triste que acompanha a menina distanciando-se, um analista poderia confirmar que o jovem jamais pretenderia alguma relação com ela, senão a mais sincera amizade, pois ele a achava estimável e singular.

O mesmo ruído monótono de gente, telefones e teclas de computadores continua a ressoar ainda mais umas duas horas, antes do banco fechar, para no outro dia tudo recomeçar novamente.

O vento outonal transpassa as frestas das janelas.

A chamada soa:

– 85... número 85...

As pessoas conversam alto, ninguém se aproxima.

– 86... número 86...

Seis viagens

Fernanda Noal

I

O negócio era meio assim, escuso. Todo mundo ali sabia disso e é claro que ninguém se importava.

Tinha um velho com cara de boxeador falido, usava umas roupas toscas e um bigode escroto mal aparado. Os pelos entravam na boca dele quando o idiota falava. Era um asno o tal do Paulo e era meio que um veterano de guerra, condecorado até, pelo que diziam os boatos. Mas, sabe como são os boatos, ele poderia bem ser um boxeador falido mesmo.

Nosso grupo tinha seis pessoas, contando com o velho que era o nosso líder. O esquema era simples: encher o carro com os sacos de pó e distribuir pela parte mais pobre da cidade.

Todos confiavam no asno condecorado, menos eu. Fazia dias que eu tava sacando o tal do velho e sabia que estava rolando alguma merda por baixo dos panos, podia até sentir o cheiro.

Não gostávamos um do outro, vivíamos com aquela atmosfera pesada entre nós, o ambiente carregava com a nossa presença e todos sabiam que a antipatia era recíproca.

Os caras estavam abastecendo o carro de "farinha" quando ouvi o telefone do velho tocar. Algo estava terrivelmente errado como pude notar mais tarde.

O galpão tinha uns dez metros de altura e era dividido em quatro partes, uma pra cada área da cidade. Cada parte tinha uns doze metros quadrados. Era o galpão branco, carinhosamente apelidado porque ali só tinha cocaína. O galpão verde era o da maconha, amarelo/crack, cintilante/drogas sintéticas e assim por diante.

Eis que a nossa parte do galpão branco ficava no fundo e era a última e mais desorganizada. Afinal, éramos a ralé, lidávamos com a

"parte baixa", como (também carinhosamente) era apelidada nossa não tão requintada clientela.

Ali, entre prateleiras empoeiradas, lixo entulhado por todos os lados e sacos de pó empilhados do chão ao teto (e não estou exagerando), estava eu, fumando um cigarro encostado num canto: o famoso "ponto cego" do nosso galpão, quando o telefone do boxeador falido tocou.

Dei uma espiada e percebi que o velho não tinha notado minha presença, então dei dois passos pra trás e continuei espiando.

- Eu disse pra não ligar, porra! Tá querendo me foder, é? - disse o velho tentando abafar o som das próprias palavras.

Pausa. Meu coração bateu mais forte debaixo da camisa e uma gota de suor escorreu bem no meio das minhas costas. Estava fria.

- Olha aqui, ouve bem uma coisa, eu disse que tava feito. Eu não sei o tipo de gente que te resolve as merdas, mas EU tenho palavra, porra! Espera que tá feito, porra! - desligou o telefone e ficou um tempo escutando. Olhou pros lados pra ver se realmente estava só, depois saiu apressado, pisando firme.

Ele era o tipo de cara que não conseguia falar mais que duas palavras sem que a terceira fosse "porra". Nitidamente estava nervoso e fazendo um esforço enorme pra manter o tom de voz bem baixo. E além do palavreado chulo, sua marca registrada nem era o bigode escroto nem nada, era gritar ao invés de falar.

II

O cigarro terminou de queimar sozinho, tinha esquecido de tragar, tinha quase esquecido de respirar também. Do que o asno escroto estava falando? Com quem? Ninguém ousaria falar daquela maneira com o chefe, então rapidamente descartei essa opção. Mas, então quem? E o que estava feito? Era merda, certeza.

Instintivamente soube que não poderia entrar no carro e sair pra entrega daquela noite. Tem horas que dá um estalo na cabeça da gente, uma intuição ou sei lá o quê, mas o estalo é forte demais pra ser simplesmente ignorado.

Deixei o galpão pelos fundos, pensando no quanto estava fodido. Mas o alívio que ia me invadindo a cada passo que eu avançava pra longe dali era quase entorpecente.

Parei na esquina e olhei pra trás, o galpão branco me encarava condescendente, quase cúmplice. Tirei o celular do bolso: nove e vinte. Dariam pela minha falta em no máximo cinco minutos. Desliguei o celular e coloquei de volta no bolso.

Tinha cinco minutos pra estar bem longe dali.

Procurei o cigarro num dos bolsos do casaco, mas antes que pudesse acendê-lo, escutei a explosão.

Minhas pernas fraquejaram quando ousei olhar pra trás. Acenando-me a ainda poucos metros de mim, estava o galpão branco ardendo em chamas.

III

Cindy era o tipo de mulher que ninguém quer ter como superior em uma hierarquia. A função dela era basicamente fiscalizar o nosso trabalho. Pouco antes de cair de joelhos a cada esboço de sorriso dela, eu a odiava. Sério, só de alguém pronunciar o nome dela perto de mim, já me causava náuseas.

Não saberia dizer exatamente o que mudou, ou quando essa mudança começou a acontecer, só lembro mesmo é do momento exato em que notei que estava virado por ela. Estava com outra garota e desejei estar com ela. Quando isso acontece um cara sabe que está bem ferrado.

Esfreguei os olhos, sacudi pra longe as lembranças na esperança de fugir daquele momento. Levei uns segundos pra perceber que aquilo

estava realmente acontecendo comigo. O galpão tinha mesmo explodido, bem ali diante dos meus olhos. Não estava sonhando.

Tinha praticamente fugido de lá e desligado o telefone poucos minutos antes de tudo ir pelos ares. Então a possibilidade aterradora de eu ser o principal (e único) suspeito da merda toda me acertou como um chute no estômago. E eu comecei a correr com todas as minhas forças.

Desejei não ter fugido, desejei ter contado pra alguém sobre a conversa do velho ao telefone, desejei ter saído pra entrega com os outros, desejei não ser mais eu. Quis simplesmente sucumbir junto ao falecido galpão branco.

Cindy certamente não acreditaria que eu não era culpado. Eu mesmo já estava começando a duvidar de minha inocência. Será que não estava mesmo louco? Estava esquizofrênico, tinha imaginado a conversa do velho condecorado? Tinha explodido o galpão? Não! Apenas estava muito fodido, aliás, estava morto! Uma das desvantagens de trabalhar em algo escuso é poder a qualquer momento ser encontrado aos pedaços dentro de um latão de lixo.

Já estava imaginando o prazer com que Paulo, o velho esperto, receberia as ordens de me caçar e matar, quando percebi que tinha parado de correr.

A casa bonita que estava do outro lado da rua parecia menos bonita a cada passo que encurtava a distância confortável que nos separava. Era a casa dela. A casa da Cindy.

Ela não estava sorrindo quando abriu a porta. Vestia um vestido preto pouco acima dos joelhos que deixava os seios bem à mostra. Os cabelos ruivos estavam presos com um lápis em um desajeitado coque, seus pés estavam descalços. Instintivamente pousei dois dedos no espaço entre os seios dela. As sardas que escondia com base no rosto estavam bem visíveis ali. Ela mordeu os lábios e abriu um sorriso assassino que me cortou em mil pedaços. Soube naquele sorriso que ela queria me matar.

-Desgraçado! -gritou. -No que estava pensando?

Foi então que começou a me encher de socos no peito com todas as suas forças, estava descontrolada, todo seu corpo tremia. Não apresentei resistência, deixei que me atirasse toda sua raiva naquele ataque infantil justificável.

-Vou ligar pro Paulo. Você tá morto, seu merda!

Segurei os pulsos dela com firmeza, mas sem força. Encarei seus olhos, na esperança medíocre de que ela reconhecesse nos meus a ausência da culpa. Afrouxei seus pulsos e ela se afastou de mim. Enxugou as lágrimas e me virando às costas, entrou na casa bonita e triste.

Fui me afastando lentamente, olhando ela procurar o telefone. A tristeza que me invadiu foi dilacerante. O sentimento de auto-preservação dela foi maior que o que ela sentia por mim. Se tivesse me beijado, se tivesse dito que me conhecia o bastante pra não acreditar nessa loucura, eu seria capaz de me entregar para mantê-la a salvo.

Sendo assim, eu quis morrer.

Por um breve momento me permiti essa doce fantasia, morreria bem ali, derreteria simplesmente, deixaria de existir.

A voz de Cindy me fez recobrar a razão e então continuei a me afastar, a cada passo a casa bonita ficava mais triste e menos bonita.

-Paulo, ele ainda está aqui. Vem logo aqui pra casa, porra! Eu não vou matá-lo, ficou louco? Não, eu não vou atrás dele...

Sem saber pra onde ir pra me refugiar do desespero que me possuiu, decidi viver a qualquer custo. Nem que para isso outros precisassem morrer.

IV

Cheguei à casa do meu irmão e da Bel ainda entorpecido pela situação catastrófica em que estava minha vida. Quantos segundos são necessários para um homem simplesmente desmoronar?

Percorri a longa distância a pé, desde que o galpão tingiu o céu de fogo. Tinha caminhado com passos sincronizados aos próprios pensamentos.

Dessa forma fui selecionando em uma pasta mental cada pensamento e lembrança pra poder analisar tudo com muito cuidado mais tarde. Nada mentalizado poderia ser desperdiçado em um momento de transe como aquele em que me encontrava.

Conforme ia caminhando apressado, ia me permitindo demorar um pouco num ou outro pensamento banal, meio que numa tentativa desesperada de mudar o foco, regressar à qualquer momento que não fosse aquele.

Demorei meu olhar em Bel, me concentrei ao imaginá-la com os cabelos longos caídos sobre os ombros alvos. Ela era tão linda que meus olhos chegavam a doer de olhar muito tempo para ela.

Muitos anos antes nós tivemos algo um pouco mais sério do que eu gostaria, pra ser sincero. De longe a garota mais linda que já vi em toda minha vida, porém, também a mais louca. Seus olhos eram de um cinza claro surreal, bem abertos naquele formato idêntico ao de uma avelã. A boca naturalmente vermelha contrastava com a pele exageradamente clara, o corpo perfeitamente curvilíneo. Era quase angelical.

Mas, pirada mesmo, louca varrida. Uma vez rasgou uma porção de roupas minhas porque achou que eu estava pensando em outra e me jogou a escova de cabelo na cara.

Pensei no alívio que senti quando apresentei a doida ao meu irmão mais velho, que ficou imediatamente caído por ela. Não posso culpá-lo por isso. E ela quis me mostrar que Léo era muito melhor que eu. Casaram-se.

Pensei se não era por causa desses pequenos alívios egoístas que a vida da gente acaba sendo essa merda tão absoluta, como a minha por exemplo.

O galpão foi pelos ares porque eu havia simplesmente ficado aliviado ao entregar uma bomba relógio armada ao meu próprio irmão.

Ri alto com esse pensamento. A vida era simples, exata. Tinha decidido foder comigo, pensei. Tinha decidido que o boxeador maldito e condecorado deveria se safar e que eu deveria ser o filho da puta tapado que se ferraria.

Esse pensamento me invadiu como uma corrente de ar quente nas costas geladas. Confortei-me nessa brisa que me abraçou mentalmente e acendi um cigarro, encostado no muro pichado com um maluco fumando um e fazendo o sinal de paz e amor. Do outro lado da rua, dentro de uma casinha (desconfortavelmente) branca, estava a mulher fatal do meu irmão.

Enquanto fumava me perguntei se aquela era a minha única alternativa e cogitei a possibilidade de me entregar para o chefe.

De alguma forma somos livres, fazemos escolhas inconscientemente em frações de segundo e cada uma delas produz consequências.

Atirei o cigarro pela metade em uma poça de esgoto, imaginando se meu irmão viveria num bairro tão miserável se não tivesse casado com a Bel.

Atravessei a rua numa lenta agonia. A tal da lei do retorno, pensei. Você fode, mesmo sem querer, a vida de alguém. A natureza perfeita fode você de volta.

V

Meu irmão abriu a porta com um sorriso tão triste e sincero quanto o que senti se fazer em meu rosto. Bastou nossos olhos cansados se encontrarem e se reconhecerem pra que eu começasse a chorar.

Entendo o reconhecimento daquele olhar, existe o peso da transparência íntegra que nos desmascara naquele mesmo momento. Ficamos nus aos olhos um do outro, porque de alguma forma somos como espelhos um para o outro.

-Estiveram aqui - falou. - Desde que soube torci para que eles chegassem antes de você... - as palavras tremeram, fraquejaram. Tentou dizer mais umas palavras que no fundo eram só uma tentativa de conter as lágrimas ardidas que queriam escapar. Não conseguiu.

Tomei coragem e olhei em volta: tudo revirado, o porta-retrato espatifado, no canto da pequena sala de estar impecavelmente branca, escondia o sorriso feliz do casal que ali residia.

-A Bel tá legal? - perguntei.

-Sim, ela tá "legal" demais - fez as aspas com os dedos.

Nem respondi, sabia exatamente como ela estava. Primeiro ficou perplexa, depois ficou satisfeita. Odiava-me de uma forma silenciosa, disfarçada de indiferença e cordialidade minuciosamente ponderadas.

Ouvi o som dos saltos dela, minhas pernas tremeram e de repente me dei conta do quanto estava suado. O casaco grudando no corpo, a camiseta ensopada. Tirei o casaco, respirei o ar fresco e perfumado da sala desarrumada, acendi um cigarro e desmoronei no sofá verde musgo (que meu irmão ainda estava pagando).

Me senti mortalmente mal quando ela sentou do meu lado. Ela sabia que era linda. Cruzou as pernas e pegou meu cigarro.

- Estou feliz de saber que se assumiu piromaniaco - sorriu. - No fundo eu sempre soube.

Pronunciou aquelas palavras meio sussurrando, meio sorrindo. Os lábios vermelhos e a pele branca. Ela era o diabo e também sabia disso.

Peguei o cigarro de volta e ela soltou a fumaça na minha cara. Pousou a mão delicadamente na minha coxa e cuspiu as palavras:

-Você é muito mais atraente agora que sei que está morto.

- Sei o que está fazendo. Estava pensando agora mesmo em como Léo teve sorte de ter casado contigo - menti. - Não me faça pensar o contrário, Bel.

A gargalhada dela cortou a sala e nos dividiu. Seus dentes apareceram e seu rosto assumiu uma expressão felina, quase fatal.

- Você certamente é a pessoa mais apropriada pra me dizer isso, não é mesmo?

Indiferença e cordialidade ponderadas. Empurrei a mão dela com força pra longe da minha perna, quase com violência. Desejei ter me entregado pro chefe.

Fraquejei.

De repente, achei tudo sem sentido e quase me permiti mergulhar de cabeça na fantasia de estar tendo um pesadelo qualquer, acordaria na minha cama na manhã seguinte e seria feliz pra todo o sempre e fim.

Ela me fez regressar à realidade, quando tentou pôr de novo a mão na minha coxa, sorrindo como o diabo novamente.

- Olha aqui, existe uma coisa chamada lealdade, Bel. É realmente difícil de entender pra quem não tem.

O som se espalhou pela casa, pela rua, pelo planeta. Ela estava batendo palmas de pé bem ali na minha frente. Furiosa e quase surtando (como no dia que tentou me atropelar com o carro).

Aquilo simplesmente não podia estar acontecendo. Mas, estava e ela continuou:

- Invadiram minha casa, desarrumaram meus móveis e bagunçaram a minha vida por tua causa. Agora, mesmo sendo caçado como um animal que você é - sorriu com desprezo - está sentado no MEU sofá, querendo me ensinar a ser LEAL? - gargalhou. - Não seja hipócrita!

Como num passe de mágica, Léo apareceu e sentou na poltrona do canto da sala.

-Ela tá certa, cara - intercedeu meu irmão.

Foi reconfortante ouvir a voz dele. Ele estava certo, tinha que defendê-la, escolher um lado imediatamente, deixar claro que a apoiava.

O olhar dela era fatal. Ela sabia punir, infernizar. Soube que tinha que voltar atrás e entregar a batalha, pro bem da sanidade mental do meu pobre irmão. Afinal, ela também sabia recompensar (muitíssimo bem).

- Sinto muito, Bel. Minha intenção não foi te ofender, eu sei que você sabe - olhei pra Leonard com olhar cúmplice - Não explodi porra nenhuma. Sou um filha da puta sem sorte, como vocês bem sabem.

Peguei um cigarro pra mim e ofereci um pra ela num gesto infantil, mas sincero, de tentar fazer as pazes. Relaxar. Esquecer o caos, a dor, a miséria de tudo aquilo, a vida falsa que eles levavam, por exemplo.

Todos nós estamos sempre à beira de um abismo devorador de almas. Quando caímos, o processo é lento e o tempo nem existe, pra falar a verdade. Permanece bem pouco de nós, sabe? Só uma ilusão barata de que ainda existimos. Que apenas sonhamos vez ou outra que estamos congelados caindo pra fora do mundo.

Tomei um banho um pouco mais demorado do que gostaria. Meu único pensamento era sair correndo pra longe daquela casa de bonecas. Meu cansaço era muito mais mental do que físico. Caminhar até estava me fazendo bem. Pensar é bom, um choque de realidade às vezes faz com que a gente conheça melhor a si mesmo.

Quando saí do banheiro já tinha um par de tênis, meias limpas e um abrigo de moletom em cima da cama. Imaginei Bel colocando aquelas coisas ali enquanto eu tomava banho do outro lado da parede. A constatação dessa proximidade física não foi nada boa.

Quando passei pela porta ao sair, fiquei satisfeito e bem mais leve. Os dois estavam lá fora em silêncio. Eles eram tão infelizes. Ele trabalhava quase vinte horas por dia para conseguir manter os pequenos confortos da casa. Bel era consumista compulsiva e dominadora. Nunca tinha parado pra pensar como era ser o meu irmão até aquele momento. Não era nada bom, tive certeza.

Ele era um fodido como eu, trabalhava com heroína, seu superior direto era o chefe. Alta patente, a melhor remuneração do esquema todo. E ele era um fodido, quase tanto quanto qualquer um de seus clientes

viciados. Sempre escondidos atrás dos bens materiais que acumulavam como troféus (sobreviventes ao vício). A droga do Léo era a Bel.

-Espero que um dia possa me perdoar, mano - disse abraçando-o com força e vontade. De certa forma sabíamos que poderia ser uma despedida.

As roupas confortáveis aliviavam um pouco o peso do meu corpo encurvado em uma expressão absolutamente resignada e triste.

Ali estava eu abraçando meu irmão, talvez pela última vez.

Ele sorriu e eu soube que não me culpava, mas tinha entendido exatamente minhas palavras. Nunca precisamos de muitas para nos entender. Desfizemos o nó daquele abraço e apertamos as mãos, como dois homens selando um compromisso. Dissemos que nos amávamos naquele aperto de mãos.

Virei às costas pra casinha branca deles e ouvi a Bel chorar baixinho. Fiquei tentado a olhar pra trás e dizer que um dia eu tinha quase a amado.

Caminhei até um bosque cheio de banquinhos baixos e aconchegantes. Sentei num deles e tirei o celular do bolso da calça emprestada. Hesitei um minuto em ligar, mas acabei apertando o botão lateral do aparelho que apenas vibrou suavemente.

Ali no meio daquelas árvores gigantescas e bem perto do pequeno lago, esperei. Sentia-me cada vez mais desconectado do mundo.

Esperando, descobri que aquela sensação até que era um pouco boa.

VI

Quando começou a chover não levantei correndo pra encontrar abrigo, fechei os olhos e levantei o rosto na direção dos pingos. Era quase agradável estar ali contemplando essa chuva que antes eu só via da

janela do carro. Queria ficar ali para sempre, rodeado da calma da natureza.

Amanheceu lentamente e pude ver no céu todas as nuances da aurora. O dia se aproximava de mim, tão lindo e perigoso quanto a minha cunhada.

Me senti tão pequeno diante das nuvens que corriam e encobriam o céu azul que lutava pra ganhar espaço em meio ao vermelho meio alaranjado daquelas nuvens.

O toque do telefone demorou pra ser percebido pelos meus ouvidos, que atentamente ouviam o canto matinal das aves e o ruído do vento chacoalhando os galhos das árvores.

A foto da Cindy apareceu ameaçadoramente na tela. Não atendi. Estava entorpecido por uma ideia.

De repente tudo veio claramente à minha mente. Soube o que deveria ser feito. Mande uma mensagem pra ela passando minha localização. Sabia que o Paulo, o velho sortudo viria sozinho.

Pra ser sincero não me sentia mais impulsionado a lutar por uma vida tão medíocre e iludida como aquela que vivia. Aquela noite tinha sido uma viagem sem volta, pensei.

Imaginei aonde o boxeador falido atiraria primeiro, não senti náusea nem medo.

Pensei se a natureza reservaria um canto qualquer pra mim depois. Me daria em sacrifício ao amanhecer, ao fogo que se espalhou pelo céu, derramando-se em forma de luz em todas as árvores e flores, em todos os animais, inclusive nos homens que nem percebiam nada disso acontecer.

Fechei os olhos novamente pra sentir a brisa fresca secar a chuva que ainda estava em mim. Nesse momento, senti algo me atingir, mas não saberia dizer o quê, nem em que parte de mim.

Começou com uma pressão forte na nuca que me obrigou a pender com força a cabeça pra trás. O banquinho era baixo e não tinha encosto, o chão era íngreme e eu caí pra trás e rolei pra dentro do lago.

Nessa hora a pressão já tinha se espalhado por todo meu corpo, que começou a afundar. Tentei me levantar, mas só na terceira tentativa consegui cambalear pra fora da água e cair de costas na grama fina.

Não sei dizer se meus olhos estavam abertos ou fechados, havia apenas um feixe de fumaça e outro de luz dentro deles. Senti os dedos formigarem e escolhi me deixar levar pela claridade reluzente. A fumaça desapareceu por completo e apenas aquele clarão permaneceu. Foi quando soube que logo perderia a consciência.

Senti algo me puxar pela camisa, meu rosto estava colado na grama e podia sentir o gosto de mato entrando pela boca. Estava sendo arrastado para cima. A última coisa que ouvi foi o estalo do tiro.

Lembro de ter pensado como aquele som parecia vir de outra dimensão. Então fiquei esperando o impacto que não veio. Mergulhei calmamente num sono profundo.

A beleza ficou empoeirada no canto de um pensamento qualquer, senti que estava novamente sendo arrastado pra cima e deixei de sentir o peso do meu corpo.

Estava sendo apenas uma nuvem correndo pelo céu, deixando essa fantasia me possuir, quando finalmente a luz cessou e eu avancei pelo céu, inundando sua imensidão azul celeste com o meu vermelho meio alaranjado fogo.

VII

Acordei com alguém dando uns tapinhas na minha cara, enquanto eu lutava pra não recuperar a consciência. Imaginei um anjo de lindos cachos dourados me dando aqueles tapas gentis na face, com suas mãos rosadas e puras.

Foi com espanto que constatee, ao abrir os olhos, que não estava morto. Estava deitado de lado em um daqueles banquinhos. A poucos metros de mim estava Paulo, caído com o bigode escroto manchado de sangue. Condecorado e morto, pensei e sorri.

Antes que pudesse entender o que estava acontecendo, uma onda de alívio me convidou a levantar ou, pelo menos, me sentar direito naquele banquinho baixo e acolhedor, onde tinha acordado vivo.

Encostado numa árvore, o chefe fumava um cigarro. Não estava exatamente surpreso em vê-lo ali, me observando com aquela expressão chateada que tantas vezes já tinha visto naquele rosto gordo e vermelho. Fiquei apenas curioso por estar vivo e aliviado pelo velho azarado estar morto. Esses pequenos alívios egoístas de sempre, não dava pra evitar mesmo.

- Desculpe pela coronhada - disse ele finalmente, enquanto eu apalpava minha nuca latejante e sentia o líquido viscoso já coagulando ao redor do corte. - Era isso ou uma bala na cara - saiu da sombra da árvore e se aproximou de mim.

Aquele homem enorme, enfiado num paletó cinza (o suor escorrendo pelo rosto e formando uma poça no pescoço) me estendeu um cigarro e gentilmente o acendeu.

- Quando liguei pra Cindy e ela disse que você não estava com ela, achei mais razoável você ter matado seu turno pra ir pro motel com outra do que ter explodido a merda da minha cocaína toda. Mas, não disse nada pra ela, claro, claro - deu uns tapinhas no meu ombro.

- Quando vieram me dizer que algum filho da puta tinha feito aquilo, soube na hora que tinha sido esse saco de bosta aí - disse, empurrando o boxeador falecido com a ponta do sapato pontudo e reluzente.

Não sabia o que dizer, eu estava pasmo, meus pensamentos estavam fora de controle, não conseguia me concentrar. Queria agradecer por estar vivo, mas não podia falar. Os lábios colados numa expressão vazia de espanto, os olhos fixos naquele homem que se sentou ao meu lado. Aquele cara que tinha me salvado e estava suando como um porco rosa e carnudo, com um sorriso descontraído e os ombros

relaxados. O chefe do esquema: torturador, assassino frio, traficante de drogas, armas e munição, ali sentado do meu lado, olhando vagamente pro pequeno lago em que eu tinha caído.

-Ele pensou que era esperto o bastante. Como você pode ver, não era, não - enxugou o suor da testa com as costas da mão. - Quero que você trabalhe com o Léo. Tira essa semana de folga, depois procure por ele. Esse putro foi até lá, sabia? Seu irmão deveria tê-lo matado. Quando liguei pra ele você já tinha saído.

- Não sei o que dizer - foi só que consegui formular. Fiquei envergonhado por não ter agradecido, mas estava usando todas as minhas forças pra acompanhar e entender o que ele dizia.

- Não sei o que te fez vazar, mas se isso se repetir, ligue diretamente pra mim. Avise se precisar de algo. Quer uma carona?

-Não - respondi. - Gosto de caminhar.

Ele ergueu as sobrancelhas como se eu tivesse falado em latim, deu mais uns tapinhas nas minhas costas e se mandou.

Fiquei olhando pro chefe se afastar, gordo e simpático e pensei que seria legal trabalhar com o Léo.

O telefone começou a tocar embaixo do banquinho, o sorriso que apareceu na tela me pareceu menos bonito no rosto de Cindy agora. Nunca mais atenderia ou iria até a casa dela. Vaca egoísta, pensei.

Quis fumar um cigarro, mas estavam todos molhados no bolso da calça de moletom.

Sobre os Contistas

Adelmir Sciessere – Escritor e colaborador do Projeto Passo Fundo.

Carlos Job - Professor. Em teatro, atua como diretor de produção, ator e autor. Contista e poeta. Colaborador no Projeto Passo Fundo. Participante das Coletâneas 2013 do Projeto Passo Fundo.

Eduardo Albuquerque – Escritor e colaborador do Projeto Passo Fundo.

Fernanda Noal - Nasceu em Passo Fundo, em março de 1993. Aos dez anos mudou-se para Santa Catarina, onde viveu por oito anos. Retornou à sua cidade natal em abril de 2011. Colaboradora no Projeto Passo Fundo. É poetisa, contista e cronista. Trabalha em seu primeiro romance.

Glauco Macedo de Azevedo – Escritor e colaborador no Projeto Passo Fundo.

Gustavo Pimentel - Aos caros amigos, não sabe se pode ser chamado de escritor. Antes de tudo, é ávido leitor. Gosta da literatura e, quando em uma livraria, tem sempre que comprar pelo menos um livro. Gosta do gênero policial e, mesmo que muitos acreditem ser apenas subgênero, discorda da referida opinião.

Kassiê de Carvalho - Jornalista. Trabalhou no Diário da Manhã. Atualmente possui a empresa Recriar Comunicação, assessoria de imprensa e marketing digital (fb.com/RecriarComunicação). Participa no livro “Valdrada”, com histórias fantásticas, organizado por Pablo Morenno. Possui publicações no site coleccionandohistorias.tumblr.com

Letícia Copatti Dogenski - Letícia é autora da novela Onde as Nuvens Fazem Sombra (Autografia Editora, 2015) e do livro de contos Previsões de Mau Signo, disponibilizado na plataforma virtual Wattpad. Estudante de Odontologia.

Lucas Mendes Hessel - Escritor e colaborador no Projeto Passo Fundo.

Marcos de Andrade - Policial Civil, bacharel em Direito, escritor, poeta e compositor. Autor dos livros Pinhão & Pipoca e A bruxinha Meleca. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Passarinho - Poeta, contista e amante da natureza. Acervista e pesquisador no Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF); contador de histórias e acadêmico do curso de Letras na Universidade de Passo Fundo.

Pedro Du Bois - Poeta e contista. Passo Fundo, RS, 1947. Residente em Balneário Camboriú, SC. Vencedor do 4º Prêmio Literário Livraria Asabeça, Poesia, com o livro Os Objetos e as Coisas, editado pela Scortecci Editora, SP. Tem publicado pela Corpos Editora, Portugal, A Criação Estética; pela Sarau de Letras, Mossoró, RN, Seres; pelo Projeto Passo Fundo, Brevidades, Via Rápida, Iguais e Em Contos; pela Editora Penalux, O Senhor das Estátuas.

Revenant - Escritor e colaborador do Projeto Passo Fundo.



[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Nasceu em 1968. Servidor público estadual no Tribunal de Contas do Estado. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, colaborador no Projeto Passo Fundo. Publicou o primeiro livro, Expresso Instante, em 2006; o segundo, Fugaz Idade, em 2010 e, o terceiro, A Bolsa da Minha Mãe e Outros Contos, em 2012.

Autores participantes

Adelmir Scilessere, Carlos Job, Eduardo Albuquerque, Fernanda Noal, Glauco Macedo de Azevedo, Gustavo Pimentel, Kassiê de Carvalho, Leticia Copatti Dogenski, Lucas Mendes Hessel, Marcos de Andrade, Passarinho, Pedro Du Bois, Revenant

As Coletâneas do Projeto Passo Fundo compilam as publicações realizadas no portal www.projetopassofundo.com.br, dos autores passo-fundenses, nos gêneros do conto, da crônica e da poesia. Tais Coletâneas são o mais bem sucedido produto desta louvável iniciativa, a qual, resumidamente, visa compilar as manifestações culturais que dizem respeito à cidade, com destaque para o resgate de obra literárias de autores que já não estão entre nós e para o incentivo de novos autores. Propósito este último que as Coletâneas cumprem com maestria, pois o autor iniciante que reluta em mostrar o seu trabalho, tem na página da web, do Projeto Passo Fundo, a possibilidade de mostrá-lo ao mundo. Tal autor poderá, depois, ser selecionado para compor umas da Coletâneas impressas, as quais são editadas de dois em dois anos, tendo por companhia outros autores que não o deixarão só nessa primeira exibição pública em livro.

Tal processo tem o condão de servir como uma incubadora de novos talentos, até que estes, devidamente amadurecidos, lancem as suas primeiras obras solo, das quais o Projeto também tem sido parceiro, com mais de uma centena de publicações desde a sua criação.

É com orgulho, pois, que o Projeto Passo Fundo, nesse ano de 2017, apresenta mais uma edição das suas Coletâneas, compilando no presente volume os contos ora selecionados.

O Organizador